Horst Junginger

A Ideologia Nórdica na SS e na SS Ahnenerbe

Horst Junginger

A Ideologia Nórdica na SS e na SS Ahnenerbe

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

1. A Historiografia da Luta Eclesiástica e suas Distorções....6
II. A Relevância do Paganismo....9
O Movimento da Fé Alemã como Centro do Paganismo Organizado....11
O Movimento da Fé Alemã e sua Relação com a SS....15
III. A Ahnenerbe da SS....20
A Fase Formativa....20
A Transformação da Ahnenerbe em um Think Tank....22
Atividades da Ahnenerbe: Da Ideologia ao Crime....24
Um Impacto Religioso da Ahnenerbe?....28
IV. A Irrelevância Geral do Paganismo....33
Esperança Vã....33
Evidência Estatística....34
V. Religião Nórdica ou Ideologia Nórdica?....40
Citações....45
Referências....49

“E com isso chego ao ponto principal: por que eles nos atacam? Em primeiro lugar, porque o movimento nacional-socialista é um movimento [supostamente] “anticristão”. Por que somos anticristãos? Somos “inimigos de Roma”, somos “inimigos dos católicos”. Sim, **dizem eles em segredo, quando estamos entre nós e com as janelas fechadas, somos também adoradores de Wotan (risos na plateia)**. Não se diz isso em voz alta, mas passa-se de boca em boca, no campo, etc., que há algo de estranho conosco. E além disso: saudamo-nos com “Heil!, que os antigos deuses germânicos também se saudavam assim, (risos) embora eles não existissem. Em todo caso, uma sociedade perigosa! Agora, só posso dizer uma coisa: todos sabemos que, de fato, houve muitas pessoas que aderiram a esses entusiasmos. **Mas nós, nacional-socialistas, sempre enfatizamos, desde o primeiro dia, que não temos nada a ver com isso**. **Não temos absolutamente nada a ver com as antigas coisas Völkischen bem-intencionadas, com barbas e cabelos esvoaçantes**. Todos nós temos o cabelo curto, fomos soldados e realmente não temos nada a ver com essas coisas. Pelo contrário, sabemos exatamente: **o que passou na história, passou**. Sabemos também que muitas centenas de milhares de pessoas hoje não são enganadas em suas crenças por nós, mas por pessoas que abusam da fé para fins políticos. (Aplausos estrondosos.) Devo afirmar uma coisa: nós sempre nos manteremos afastados disso, porque o Dr. Seipel segue uma política desastrosa ao afirmar que os padres, digamos, são indivíduos comuns ou que, por isso, a religião não serve para nada. Pelo contrário. Sabemos muito bem que em qualquer organização formada

por pessoas é natural que haja erros e que sempre haverá pessoas com as mais diversas insuficiências. Mas há muitos que não pensam assim, para os quais é muito fácil atribuir tais fenômenos à generalidade, e eu pergunto: isso é necessário? Permitam-me citar um exemplo. Antes da guerra, tínhamos no Reich Alemão um abade chamado Wetterlé. Esse senhor abade era também um clérigo e fazia política no Reichstag alemão. Atacá-lo era um crime contra a sagrada Igreja Católica; isso não se podia fazer. Mas o mesmo senhor era um traidor da pátria e causou imensos danos à Alemanha, já havia conspirado com a França durante a paz, como soubemos mais tarde, e traiu o nosso país, pelo que, na verdade, deveria ter sido enforcado". — Adolf Hitler[1]

1 Discurso em 28 de fevereiro de 1928. Hitler. Reden, Schriften, Anordnungen - Februar 1925 bis Januar 1933 - Teil 1, Dok.237, pp.624

1. A Historiografia da Luta Eclesiástica e suas Distorções

O arcabouço conceitual da assim chamada historiografia da luta eclesiástica moldou em grande medida o trabalho acadêmico sobre o desenvolvimento religioso no Terceiro Reich. Duas equiparações falaciosas, em particular, afetaram o debate do pós-guerra mesmo dentro da pesquisa histórica secular. A primeira foi a identificação do Nacional-Socialismo com o Paganismo Nacional-Socialista. Na continuação das antigas disputas entre Igreja e Estado sobre o impacto de uma série de medidas tomadas contra os interesses da Igreja, o regime nazista apareceu, de certa perspectiva, como a realização política da pior forma de paganismo anticristão, voltado a aniquilar o cristianismo na Alemanha como um todo. Em segundo lugar, muitos, se não a maioria, dos estudos escritos no contexto da luta eclesiástica sustentavam a opinião de que o cristianismo, suas doutrinas e seu significado essencial, havia sido a única força contrária relevante naquela batalha entre as forças da luz e das trevas. Essa ideia amplamente difundida de um combate mortal entre duas visões de mundo antagônicas implicava uma imagem bastante distorcida da história alemã das religiões depois de 1933. Sua bipolaridade simplista desconsiderava importantes sobreposições e eliminava elementos intermediários das inúmeras relações bilaterais então existentes. Qualquer possível permeabilidade ideológica entre cristianismo e Nacional-Socialismo era contestada, e características comuns entre ambos e entre cristianismo e paganismo eram minimizadas ou categoricamente negadas.

Embora o paradigma da luta eclesiástica tenha sido em grande parte abandonado no que diz respeito ao protestantismo e ao catolicismo — basta considerar as obras de Manfred Gailus e Doris Bergen para o lado protestante e as de Olaf Blaschke e Kevin Spicer para o lado católico[2] —, ele continua em pleno vigor quando se trata do Paganismo. Com pouquíssimas evidências factuais, muitos palpites e conjecturas

2 Cf. Manfred Gailus, *Protestantismo e nacional-socialismo. Estudos sobre a penetração nacional-socialista do meio social em Berlim* (Colônia: Böhlau, 2001), Doris Bergen, *Cruz torcida. O Movimento Cristão Alemão no Terceiro Reich* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996), Olaf Blaschke, *Catolicismo e antissemitismo no Império Alemão* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997) e Kevin Spicer, *Os padres de Hitler. Clero católico e nacional-socialismo* (DeKalb: Northern Illinois University Press, 2008).

prevalecem sobre estudos sérios acerca de grupos e indivíduos pagãos, de suas crenças e ritos. Um panorama do campo fragmentado do Paganismo organizado e não organizado ainda está muito longe de ser alcançado. Com exceção de três dissertações de Ulrich Nanko, Hiroshi Kubota e Schaul Baumann, ninguém empreendeu esforços comparáveis para lançar luz sobre o

Movimento da Fé Alemã, a saber, a maior e mais significativa associação pagã na Alemanha Nacional-Socialista.[3] Quem sabe muito sobre sua composição, sua curta vida e sua morte precoce? Quem trabalhou com aqueles grupos pagãos separados do Movimento da Fé Alemã ou em oposição a ele?[4] Ainda precisamos recorrer à tese de doutorado de Heinz Bartsch, escrita sob a orientação de Hans Freyer e Arnold Gehlen na Universidade de Leipzig em 1938, para obter uma grande parte dos dados confiáveis.[5] Embora Bartsch fosse um nacional-socialista pagão declarado, seu estudo de fato contém informações importantes sobre o desenvolvimento interno e as formas organizacionais do Paganismo na Alemanha. O relato inicial e influente de Hans Buchheim no pós-guerra baseava-se em uma pressuposição cristã de que a nação alemã fora atingida por uma profunda crise espiritual, uma crise que ele associava ao declínio da Igreja e ao desafio aos valores cristãos.[6] Portanto, Buchheim via o Paganismo *völkisch* como a ponta de lança ideológica do Nacional-Socialismo, incumbida da tarefa de substituir o cristianismo, a ética e a moralidade como tais por uma contrarreligião perversa.

A visão enviesada de Buchheim negligenciava não apenas a dinâmica dos processos de adaptação política. Todas as religiões estão sujeitas não

3 Ulrich Nanko, *O Movimento de Fé Alemão. Uma investigação histórica e sociológica* (Marburg: Diagonal, 1993), Hiroshi Kubota, *Religiosidade das ciências da religião e fundação de religião. Jakob Wilhelm Hauer no contexto do protestantismo livre* (Frankfurt a.M.: Lang, 2005), Schaul Baumann, *O Movimento de Fé Alemão e seu fundador Jakob Wilhelm Hauer (1881–1962)* (Marburg: Diagonal, 2005).

4 Uma exceção é apenas o movimento Ludendorff, veja Bettina Amm, *O Movimento Ludendorff. Da liga de combate nacionalista à seita de visão de mundo völkisch* (Hamburgo: Verlag ad Fontes, 2006), a mesma, "O Movimento Ludendorff no nacional-socialismo – tentativas de aproximação e delimitação", Uwe Puschner e Clemens Vollnhals, eds., *O movimento religioso-völkisch no nacional-socialismo. Uma história de relações e conflitos* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012), pp. 127–48 e Frank Schnoor, *Mathilde Ludendorff e o cristianismo. Uma posição völkisch radical na República de Weimar e no Estado NS* (Egelsbach: Hänsel-Hohenhausen, 2001).

5 Heinz Bartsch, *O poder de realidade do Movimento Geral Alemão de Fé da atualidade* (Breslau: Ludwig, 1938). O livro foi reimpresso por uma editora de direita sete décadas depois (Toppenstedt: Uwe Berg Verlag, 2007).

6 Hans Buchheim, *Crise de fé no Terceiro Reich. Três capítulos da política religiosa nacional-socialista* (Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1953).

só a isso, mas também à abundância de respostas possíveis ao desafio da modernidade que tomava forma nas margens das Igrejas estabelecidas, ou fora delas. A falsa identificação da religião com o cristianismo e do cristianismo com a Igreja, que domina em grande medida a narrativa histórica, subestima aspectos vitais da vida e da conduta religiosa das pessoas comuns, interpretando-os com muita frequência em contraste com as doutrinas eclesiásticas. Muito antes da ascensão do Nacional-Socialismo, muitos alemães haviam desenvolvido sua própria compreensão da moral cristã e não hesitavam em desobedecer, aberta ou secretamente, às reivindicações da hierarquia eclesiástica. Um grande número de operários e intelectuais recusava-se a prestar obediência àquilo que considerava ensinamentos e dogmas ultrapassados. Embora a filiação às Igrejas nunca tenha caído abaixo de aproximadamente 95 por cento da população alemã ao longo da primeira metade do século XX, um número crescente de cristãos nominais afastou-se da religião de sua infância. Mas, em consequência disso, apenas uma minoria ínfima chegou a se filiar a um dos grupos pagãos. Portanto, a tomada do poder pelos nacional-socialistas não levou ao renascimento do Paganismo pelo qual seus líderes tanto ansiavam. Em vez de uma ascensão pagã, a Alemanha experimentou inicialmente uma poderosa revigoração do cristianismo e a reentrada de muitos daqueles que haviam deixado a Igreja anteriormente. O enorme crescimento das confissões cristãs em 1933 despertou preocupações ideológicas eclesiásticas nesse sentido. A forte reação ao ateísmo, ao materialismo e ao “bolchevismo cultural”, bem como a eliminação de toda “sujeira e lixo” em todos os setores da sociedade, encontrou a aprovação das lideranças eclesiásticas. Com exceção dos partidos de esquerda, nenhum outro adversário chamou mais atenção do que os judeus. Inseridas em uma longa tradição de antijudaísmo cristão, tanto a Igreja Protestante quanto a Católica aderiram de todo o coração à luta contra a “ameaça judaica”. Mesmo quando os interesses da Igreja e do Estado divergiram em meados da década de 1930, a hostilidade ao comunismo e ao judaísmo permaneceu forte, e atingiu um nível mortal com o início da Segunda Guerra Mundial.

Em nossos dias, nenhum historiador sério questionaria a ampla gama de concordâncias entre Igreja e Estado, e uma série de excelentes estudos delineou os múltiplos vínculos entre o governo nacional-socialista e as Igrejas estabelecidas. Que essa relação tenha esfriado na segunda metade da década de 1930 também é algo comum na pesquisa histórica, embora persistam controvérsias sobre qual teria sido o status do cristianismo após um êxito militar das tropas alemãs. Enquanto exames detalhados produziram um quadro equilibrado e diferenciado do protestantismo e do catolicismo, o Paganismo não foi tratado com o rigor acadêmico que merece — nem por historiadores seculares, nem por historiadores da Igreja, nem por estudiosos da religião. Provavelmente não é exagero dizer que a história das religiões não cristãs na Alemanha nazista permaneceu um dos poucos enigmas ainda não resolvidos na historiografia do Nacional-Socialismo.

II. A Relevância do Paganismo

Não deveríamos nos surpreender, à luz dessa situação, que tanto a SS quanto a Ahnenerbe da SS sejam comumente vistas como agências de um paganismo anticristão que teria buscado destruir a Igreja e estabelecer em seu lugar uma forma neo- ou indo-germânica de paganismo como a nova religião de Estado do Terceiro Reich. Apenas a guerra perdida teria impedido que a “solução final da questão da Igreja” fosse executada. Embora argumentos desse tipo sejam amplamente difundidos, são falsos e enganosos em vários aspectos. Primeiro, seguem a ideia especiosa de que o Paganismo teria sido uma ideologia de algum modo autorizada, a extensão religiosa do Nacional-Socialismo, por assim dizer. Mas o Paganismo nunca recebeu apoio oficial em qualquermomento. Em seguida, tentam afirmar que o cristianismo estava prestes a ser perseguido de modo comparável ao dos judeus alemães, talvez não factualmente, mas ao menos na consequência imaginada de uma vitória militar das tropas alemãs. Por

causa disso, as Igrejas conseguem escapar de acusações de cumplicidade, passando do lado dos culpados para o das vítimas. Assim, o Paganismo é responsabilizado pelos crimes do regime nazista. Até o holocausto então se transforma em resultado da luta pagã contra o cristianismo.[7]

Sem minimizar a conduta pró-nazista, racista e antissemita de muitos, senão da maioria, dos pagãos, é, no entanto, necessário repudiar a tendência geral de sua demonização e enfatizar que o Paganismo nunca gozou de uma forma oficial de governo. Pelo contrário, o sectarismo pagão de suas várias facções não era apenas considerado uma ameaça à unidade do povo alemão, mas também à respeitabilidade do Nacional-Socialismo e à sua pretensão de constituir uma visão de mundo científica, em vez de um programa de reforma espiritual. Com apenas algumas exceções, a liderança nazista não tinha dúvidas de que o Paganismo, se lhe fosse dado livre curso, colocaria em risco o consenso ideológico da nação e, portanto, minimizaria sua perspectiva de vencer a próxima guerra, que estava em preparação secreta desde 1936. As organizações pagãs pouco se beneficiaram das crescentes fricções entre as autoridades nacional-socialistas e as Igrejas cristãs. Embora a tomada do poder por Hitler tenha despertado esperanças exuberantes entre os pagãos, o desencanto subsequente atingiu seu auge em setembro de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, quando qualquer crítica aberta ao cristianismo teve de ser abandonada em nome de uma nova trégua partidária considerada imperativa para a vitória sobre os inimigos.

7 Esta é uma ideia central de Karla Poewe, *Novas religiões e os nazistas* (Nova York: Routledge, 2006). Livrar a Alemanha do cristianismo judaico teria sido o objetivo central do nazismo pagão: “Ao atribuir o antissemitismo ao cristianismo, os estudiosos enganaram gravemente seus leitores. (…) Em vez disso, foram neopagãos, tanto dentro quanto fora da igreja, que tinham uma intensa aversão ao cristianismo precisamente porque ele é semítico.” Ibidem, p. 14. Os argumentos de Poewe de que “ser contra o cristianismo” era a “forma mais autêntica e mais profunda de antissemitismo”, e de que os cristãos alemães “não eram cristãos, mas pagãos” devido ao seu antissemitismo essencialmente anticristão (p. 7s.), viram a história de cabeça para baixo e responsabilizam o paganismo pela hostilidade cristã secular contra os judeus.

O Movimento da Fé Alemã como Centro do Paganismo Organizado

O Movimento da Fé Alemã iniciou sua breve existência no famoso Castelo de Wartburg, perto de Eisenach, nos dias 29 e 30 de julho de 1933. Cerca de dez comunidades e por volta de 170 indivíduos reuniram-se para deliberar sobre a possibilidade de um despertar religioso fora do cristianismo e das Igrejas estabelecidas.[8] Nem todos eram pagãos convictos ou aderiam a uma visão de mundo *völkisch* ou nórdica. Um grande número pertencia ao grupo dos cristãos liberais, insatisfeitos com a restauração da antiga associação entre trono e altar, como a Concordata com a Igreja Católica e o apoio nacional-socialista aos Cristãos Alemães durante as eleições eclesiásticas protestantes haviam tornado tão visível. O fato de cristãos, membros da Igreja e professores de teologia protestante estarem prestes a desempenhar um papel de liderança na fase formativa do Movimento da Fé Alemã resultou em debates acalorados sobre a relação com o cristianismo. Não é de admirar que a questão da dupla filiação tenha dominado boa parte do debate no início. A notória arrogância da maioria dos profetas e líderes autoproclamados do Paganismo complicou ainda mais os esforços para alcançar um consenso religioso e organizacional mais amplo. Frações importantes do movimento pagão exerceram contenção para colaborar ou até se recusaram a ingressar no Movimento da Fé Alemã. Outros se dissociaram logo após a reunião de Eisenach.

Apesar dessas dificuldades, a formação da *Arbeitsgemeinschaft Deutsche Glaubensbewegung* (ADG) em julho de 1933 significou um grande passo adiante rumo à consolidação do campo fragmentado do Paganismo alemão. Pela primeira vez, seus adeptos e devotos pareciam ter tido uma chance realista de deixar a margem sectária e aproximar-se do centro. Mas revelou-se muito mais fácil criticar o cristianismo, seus dogmas, suas raízes judaicas e seu papel negativo na história do que desenvolver um programa religioso positivo próprio. Portanto, a ideia racial nacional-socialista lhes chegou como uma dádiva celestial, permitindo aos pagãos associar seus pensamentos religiosos variados e voláteis a categorias “estáveis” de ancestralidade biológica, que pareciam

8 Veja, sobre a reunião, Nanko, *O Movimento de Fé Alemão*, pp. 143ss.

ser cientificamente fundamentadas pelas ciências naturais. Recorrer a uma linhagem ariana ou indo-germânica tornou-se uma oportunidade ideal para unificar a vasta gama de ideias pagãs e agendas de reforma religiosa. De modo análogo ao Movimento dos Cristãos Alemães, o Movimento da Fé Alemã utilizou as doutrinas raciais do Terceiro Reich não apenas para sua estabilização, mas também para reivindicar a representação da base religiosa do Nacional-Socialismo.

Competindo ferozmente com os Cristãos Alemães pelo reconhecimento do Estado, os pagãos alemães enfatizavam a conexão histórica e espiritual do cristianismo com o judaísmo, declarando impossível qualquer papel posterior da Igreja na Alemanha. Ambos os tipos de revivalismo *völkisch*-religioso, tanto o pagão quanto o cristão, argumentavam contra a suposta influência judaica na Alemanha. Mas, enquanto os pagãos alemães procuravam identificar o cristianismo com o judaísmo, os cristãos alemães sublinhavam o profundo antagonismo em relação à religião judaica precursora. Defendendo-se da acusação pagã de contaminação espiritual e até racial pelo judaísmo, eles apontavam para a experiência cristã secular de combate contra o adversário judaico. Ao julgar o antissemitismo dos pagãos alemães e dos cristãos alemães, deve-se tomar cuidado para não perder de vista os diferentes papéis que o judaísmo desempenhava em seus respectivos modelos de salvação. Para os pagãos, as Igrejas cristãs eram o principal inimigo, com o judaísmo como um problema secundário, primordialmente político, em seu rastro. Os cristãos alemães, em contraste, acusavam o povo judeu de ter cometido um deicídio, isto é, o pior crime possível. Com base nisso, sua mera existência dava testemunho da falsidade da pretensão cristã à verdade.[9]

Apesar de sua concordância política com o Nacional-Socialismo, os pagãos tiveram de aceitar, no início, a política pró-Igreja do regime. O famoso parágrafo 24 do programa do partido que defendia um "cristianismo positivo" sem compromisso com uma confissão específica era um obstáculo intransponível para todos aqueles em contradição com as

9 Tratei da dependência do cristianismo em relação ao derramamento de sangue judaico em Horst Junginger, *A cientifização da "questão judaica" no nacional-socialismo* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2011), especialmente p. 41 e p. 413.

Igrejas estabelecidas. Qualquer que fosse o significado que se pudesse atribuir à ideia de um cristianismo positivo, ela não podia de modo algum constituir parte de um paganismo que se definia por seu antagonismo em relação ao cristianismo e às Igrejas cristãs. Por essa razão apenas, pagãos como Jakob Wilhelm Hauer foram impedidos de ingressar no NSDAP, isto é, um partido que defendia valores cristãos positivos. Partes da chamada ala *velho-völkisch* do movimento pagão, consequentemente, dirigiram censuras aos líderes nazistas por manterem relações estreitas com as Igrejas e sua visão de mundo não nórdica.

No Pentecostes de 1934, a Arbeitsgemeinschaft Deutsche Glaubensbewegung passou de uma confederação de grupos e indivíduos pagãos a uma religião genuína. Para a discussão de questões ideológicas e organizacionais, uma segunda convenção foi organizada dez meses depois da reunião de Eisenach, no vilarejo de Scharzfeld, na região meridional do Harz, ao norte de Eisenach, de 18 a 21 de maio. No domingo de Pentecostes, cerca de 500 pessoas participaram de uma cerimônia religiosa realizada diante de uma caverna anteriormente usada como "igreja de pedra" pelo grupo Nordungen. Mais uma vez, a comunidade foi tomada por um espírito comunal intenso e por um senso de união. Todos os problemas separadores foram adiados, e a necessidade urgente de unidade religiosa apoderou-se dos participantes. Ao fim da reunião, cada grupo individual decidiu dissolver-se para dar lugar a uma nova religião chamada Deutsche Glaubensbewegung na segunda-feira de Pentecostes. Pela segunda vez, o indólogo e estudioso da religião de Tübingen Jakob Wilhelm Hauer foi proclamado Führer do Movimento da Fé Alemã. Como fundador e editor da revista *Deutscher Glaube*, ele se tornara amplamente conhecido e era reconhecido como um dos intelectuais pagãos mais proeminentes da Alemanha.

Nos meses que se seguiram à criação do Movimento da Fé Alemã, uma profusão de atividades foi lançada para avançar e atrair atenção. Hauer fez um discurso no famoso Sportpalast de Berlim, diante de mais de 20.000 ouvintes, em 26 de abril de 1935. Nele, culpou as Igrejas cristãs pelas querelas de visão de mundo da época. Não o Paganismo, mas a Igreja era

responsável pela violenta agitação que irritava o público alemão. Seu tempo expirara no futuro próximo, e o Paganismo ocuparia o lugar que antes cabia ao cristianismo. Enquanto o Movimento da Fé Alemã experimentava um crescimento considerável nesse período, os números encaminhados às autoridades eram, no entanto, extremamente exagerados e nada além de pensamento desejoso. É um fato bem conhecido no estudo da religião que novos movimentos religiosos possuem uma propensão intrínseca a superestimar seu tamanho e sua influência tanto quanto possível. Embora o Movimento da Fé Alemã tenha ampliado suas dimensões para várias centenas de milhares, ele tinha, mesmo no auge de sua existência em 1935, não mais que cinco ou dez mil membros. Seu núcleo nórdico mal ultrapassava um grupo heterogêneo de cerca de 2.000 pessoas.[10] Apesar disso, o conde Ernst zu Reventlow (1869–1943), o segundo Führer do Movimento da Fé Alemã depois de Hauer, não hesitou em falar em 2,5 milhões de seguidores.[11] Uma maneira de alcançar números tão extraordinários era equiparar simpatizantes a membros e a frequência a palestras públicas à filiação real, ou ao menos iminente. Seguindo a mesma linha com a intenção oposta, as Igrejas também superdimensionavam o paganismo pagão. Declaravam sua existência um perigo para a segurança e a ordem públicas e aproveitavam a oportunidade para defender a preservação das velhas e bem-estabelecidas relações entre Estado e Igreja contra os esforços do governo para diminuir sua influência e seus direitos adquiridos. Também agências estatais tinham interesse em exagerar o Paganismo. Suas atividades vociferantes geravam irritação, quando não raiva, e as obrigavam a tomar medidas apropriadas para acalmar a turbulência pública da “Kirchenkampf”. Por outro lado, elas podiam e de fato usavam o anticlericalismo pagão como um meio eficiente para disciplinar as Igrejas e impedi-las de criticar de forma demasiado aberta a política nacional-socialista.

O antagonismo entre a velha geração moderada e a jovem geração radical de pagãos provocou uma crise fatal no Movimento da Fé Alemã no início de 1936. Para além de meras discussões pessoais, a incoerência

10 Veja, quanto aos números, Nanko, *O Movimento de Fé Alemão*, p. 179.
11 Bartsch, *O poder de realidade do Movimento Geral Alemão de Fé*, p. 71.

ideológica em relação às escrituras, ritos e doutrinas que deveriam ser considerados autorizados logo levou a altercações amargas e ao colapso do Movimento da Fé Alemã. Após a decisão da velha guarda pagã de desocupar suas posições, vários personagens menores assumiram a responsabilidade com o objetivo de aproximar o Paganismo do Nacional-Socialismo e da política do momento. O resultado foi desastroso. Nem se obteve o reconhecimento oficial do Movimento da Fé Alemã, nem ele conseguiu manter o despertar religioso e o grau de organização alcançados até então. Na verdade, a reformulação da estrutura dirigente iniciou a derrocada final, na primavera de 1936. Depois de um período de vida de menos de três anos, o Paganismo organizado expirou sem grande alarde. Apenas alguns grupos dissidentes conseguiram permanecer, e a polícia secreta manteve esses remanescentes sob estrita vigilância para impedi-los de provocar problemas.

O Movimento da Fé Alemã e sua Relação com a SS

Jakob Wilhelm Hauer é um bom exemplo da relação distorcida entre Paganismo e Nacional-Socialismo e entre Paganismo e SS, respectivamente. Embora Hauer tenha se tornado membro da SS e estabelecido contatos com sua liderança, ele não ingressou no NSDAP antes de 1937 por causa do “cristianismo positivo” que ocupava um lugar de destaque no programa do partido e se opunha fundamentalmente à sua compreensão pagã da vida.[12] Como Führer do Movimento da Fé Alemã, ele entrou em contato com a SS e a polícia secreta já em 1934. Diversas correntes do movimento livre-pensador haviam se aproximado dele com o desejo de se filiar à *Arbeitsgemeinschaft Deutsche Glaubensbewegung*, que prometia oferecer um refúgio seguro para pessoas com visões desviantes. Muitos livres-pensadores religiosos eram antigos adeptos dos social-democratas e vinculados a uma de suas suborganizações. Sua possível integração ao Movimento da Fé Alemã compreensivelmente

12 Para a filiação de Hauer a organizações nacional-socialistas, veja Horst Junginger, *Da filológica à ciência da religião völkisch* (Stuttgart: Steiner, 1999), pp. 124–44.

levantou questões, e eles instaram Hauer a entrar em negociações com as autoridades competentes.

É preciso acrescentar aqui que o desenvolvimento do "Freireligiöse Bewegung" na era nazista é bastante intrincado. Independentemente de sua inclinação geral para a esquerda política, vários humanistas religiosos esperavam sobreviver por meio da adaptação ao novo sistema depois de 1933, enquanto outros fizeram concessões ideológicas a ponto de se alinharem. Alguns deles detectaram um consenso ideológico com elementos "socialistas" do Nacional-Socialismo.[13] De modo geral, o Movimento da Fé Alemã parecia ser um lugar de refúgio capaz de preservá-los da perseguição. Assim, a estratégia de acomodação dos livre-pensadores religiosos transformou-se em um desastre completo e tornou-se o prelúdio de uma ampla gama de medidas repressivas. Na interação entre atração e repulsão, Hauer teve de negociar com as pessoas responsáveis no serviço secreto sobre como distinguir os elementos valiosos entre os humanistas religiosos e como expulsar os demais. Ele se encontrou repetidas vezes com Heinrich Himmler (1900–45) e Reinhard Heydrich (1904–42) para discutir o problema. Werner Best (1903–89), o ambicioso SS e líder policial no rastro desses dois, fora escolhido para ingressar no Movimento da Fé Alemã, onde atuou como uma espécie de oficial de ligação. O primeiro encontro pessoal de Hauer com Himmler e Heydrich ocorreu em 17 de abril de 1934, em Munique, e pouco depois ele ingressou na SS e no SD com um aperto de mão de ambos.[14] O antigo missionário cristão na Índia e vigário protestante tornou-se posteriormente um informante e colaborador útil em vários aspectos. Hauer não apenas colocou informações e material à disposição da polícia secreta, como também participou da repressão brutal a dissidentes religiosos. Por fim, acabou envolvido em conduta criminosa e tomou parte ativa na repressão ao movimento antroposófico.[15]

13 Veja Horst Junginger, "O Movimento de Fé Alemão como centro ideológico do movimento religioso-völkisch", em Uwe Puschner e Clemens Vollnhals, eds., *O movimento religioso-völkisch no nacional-socialismo* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012), pp. 88–96 (65–102). É evidente que as partes não religiosas dos livres-pensadores alemães foram perseguidas desde o início.

14 Junginger, *Da filológica à ciência da religião völkisch*, p. 135.

15 Ibidem, pp. 197–215.

Não surpreende que essas relações pessoais entre Hauer e o topo da SS tenham alimentado suas esperanças quanto à possibilidade de promover a sorte do Movimento da Fé Alemã e de ampliar o papel do Paganismo na Alemanha em geral. Para sua grande consternação, a SS estava interessa em tudo menos em apoio religioso ou ideológico vindo dele ou de quaisquer outros grupos e associações pagãos. Os dois anos entre seu primeiro encontro com Himmler, em abril de 1934, e sua renúncia ao cargo de Führer do Movimento da Fé Alemã, em abril de 1936, revelaram-se um período de desilusão progressiva. Nem Himmler nem qualquer outro líder da SS tinham interesse em responder à oferta pagã. Pior ainda, Hauer não pôde deixar de reconhecer que a rejeição descrevia a atitude da SS muito melhor do que a mera indiferença. Sendo um informante diligente e colaborador do SD quando Werner Best chefiava o distrito sudoeste do serviço secreto, o sucessor de Best, Gustav Adolf Scheel (1907–79), renunciou de imediato à sua participação posterior. Scheel, que substituiu Best em agosto de 1935, justificou o término do emprego de Hauer por seu engajamento pagão, que condenava abertamente. Scheel tinha uma sólida formação protestante e cristã alemã e mantinha contato estreito com o estudioso protestante do Novo Testamento Gerhard Kittel (1888–48), da Universidade de Tübingen, onde Kittel era um dos principais rivais de Hauer. Defendendo uma aliança natural entre cristianismo e Nacional-Socialismo, Kittel e Scheel rejeitavam ferozmente a reivindicação pagã de Hauer por hegemonia religiosa.[16]

Ao contrário da crença popular, nem Himmler nem qualquer outro líder da SS apoiava qualquer uma das organizações pagãs. O Reichsführer SS, antes, ordenou a seu pessoal de comando que não coagisse seus subordinados a abandonar a Igreja. Ele se opunha vigorosamente a falas e comportamentos blasfemos na SS e impunha uma política estrita de neutralidade religiosa.[17] Qualquer membro da SS que violasse esse

16 O editor mundialmente famoso do *Dicionário Teológico do Novo Testamento* "descobriu" o antijudaísmo cristão agora como uma oportunidade de fazer o paganismo sobressair. Ao fazê-lo, tentou estabelecer uma nova forma de antissemitismo científico. Veja Horst Junginger, "Antissemitismo em teoria e prática" em Urban Wiesing et. al eds., *A Universidade de Tübingen no nacional-socialismo* (Stuttgart: Steiner, 2010), pp. 488–90.

17 Veja suas ordens de 15 de setembro de 1934 e 25 de novembro de 1934 apresentadas em *Documentos sobre a política eclesiástica do Terceiro Reich*, vol. 2, 1934/35 (Munique: Kaiser, 1975), p. 170, bem como a interpretação de Wolfram Dierker, *Os guerreiros da fé de Himmler. O Serviço de Segurança da SS e sua política religiosa 1933–1941* (2ª edição revista, Paderborn: Schöningh, 2003), p. 87.

imperativo seria expulso. Himmler considerava essa instrução de 15 de setembro de 1934 tão importante que ela deveria ser lida perante cada unidade da SS a cada trimestre.[18] Que autoridades e ministros da Igreja eram proibidos de se envolver na SS é de conhecimento geral a respeito do Terceiro Reich e de sua política religiosa. Mas passou inteiramente despercebido que a interdição também se aplicava a grupos pagãos. Repetindo uma declaração anterior de 15 de outubro de 1934, que exigia a "retirada honrosa" de clérigos da SS, Himmler proibiu, em 20 de setembro de 1935, que membros da SS assumissem uma função de liderança em qualquer organização religiosa cristã ou pagã, citando explicitamente o Movimento da Fé Alemã como exemplo.[19] A mera filiação, contudo, permaneceu fora do alcance da proibição tanto para cristãos quanto para não cristãos.

A proclamação oficial do Adjunto do Führer, Rudolf Hess (1884–1987), de 13 de outubro de 1933, desempenhou um papel importante na determinação da política religiosa nacional-socialista. Ela proibia firmemente a discriminação em questões religiosas. É claro que essa "lei de liberdade religiosa", como alguns contemporâneos a chamaram, não se estendia a judeus, ateus e outros inimigos da comunidade do povo. É, portanto, enganoso quando adeptos do Movimento da Fé Alemã registraram como seu êxito particular o fato de terem arrancado da declaração de Hess um edito de tolerância religiosa.[20] Himmler adotou a regra de Hess, que originalmente fora concebida para os membros do NSDAP, na SS. Do mesmo modo, ressaltou o direito de todo membro da SS de aderir a uma crença religiosa de sua própria escolha. Em 20 de setembro de 1935, Himmler declarou, além disso, que o comunicado de

18 "Assim como o alemão jamais foi favorável à coação de consciência, também lhe é sagrada e intocável a convicção e a visão religiosa de seu próximo. Membros da SS que violem esses princípios serão por mim excluídos da SS assim que eu tomar conhecimento disso. Esta ordem deve ser lida a todas as tropas durante a chamada. A leitura deve ser repetida trimestralmente" Ordem de 15 de setembro de 1934, *Documentos sobre a política eclesiástica do Terceiro Reich*, vol. 2, p. 170.

19 "Da mesma forma, proíbo, com efeito imediato, qualquer atividade de liderança em qualquer outra comunidade religiosa ou de fé (por exemplo, Movimento de Fé Alemão etc.)." Ordem do Reichsführer SS de 20 de setembro de 1935, impressa em *Documentos sobre a política eclesiástica*, vol. 3, 1935–1937 (Munique: Kaiser, 1994), p. 87.

20 Margaret Dierks mais tarde reiterou esse argumento em sua biografia de *Jakob Wilhelm Hauer, 1881–1962. Vida, obra, impacto* (Heidelberg: Winter, 1986), p. 236 e p. 270. Veja minha crítica em Horst Junginger, "O Movimento de Fé Alemão e o mito de sua "terceira confissão"," em Manfred Gailus e Armin Nolzen, eds., *"Comunidade nacional" em conflito. Fé, confissão e religião no nacional-socialismo* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011), p. 190.

Hess era a versão nacional-socialista de um antigo direito germânico à liberdade religiosa. Assim, ele não aceitaria qualquer prejuízo à decisão pessoal de fé de alguém. Zombar ou escarnecer do compromisso religioso de outros alemães não seria tolerado e resultaria em exclusão da SS.[21] As memórias privadas de um membro cristão da Waffen-SS em minha posse seguem a mesma linha argumentativa.[22] Esse piedoso metodista e convicto soldado da SS não teve problemas em fazer sua leitura bíblica diária durante seu treinamento nos quartéis da SS em München-Freimann. Franz Schönhuber (1923–2005), fundador e presidente do partido alemão de direita "Die Republikaner", apresentou um caso semelhante quando descreveu a punição de um instrutor da SS por suas animosidades contra ele, na condição de devoto membro católico da Waffen-SS.[23]

Longe de serem expressão de tolerância religiosa, as diretrizes de Himmler para a SS eram sinais de uma margem crescente para ideias pagãs e nórdicas na Alemanha. Elas indicavam uma oportunidade melhor para que grupos pagãos de todos os matizes ganhassem proeminência. Os pagãos aproveitavam a oportunidade para se envolver na SS e em organizações relacionadas. Por outro lado, embora reforçassem sua posição ali, os pagãos geralmente permaneciam à margem da sociedade. Embora fossem aceitos como membros comuns em organizações nacional-socialistas, ainda eram incapazes de assumir responsabilidade e ocupar posições eminentes caso persistissem em manifestar sua fé de modo resoluto.

21 A formulação de Himmler foi: "Nesta ordenança está ancorada a versão nacional-socialista do antiquíssimo direito alemão à liberdade de fé. Assim como na SS não se tolera que qualquer homem seja forçado ou mesmo admoestado a qualquer confissão denominacional, da mesma forma não tolero que, por qualquer membro da SS, sejam zombadas e blasfemadas as opiniões e convicções de outros camaradas nacionais alemães que lhes são sagradas. (…) Membros da SS que aqui agirem em desacordo serão excluídos por mim da SS, porque são inadequados para a comunidade e a ordem da SS." *Documentos sobre a política eclesiástica*, vol. 3, p. 87.

22 Hermann Duppel, *Minha vida no Terceiro Reich. Entre a comunidade eclesiástica e a Waffen-SS* (texto datilografado não publicado), p. 19. O membro ativo de uma congregação metodista do sul da Alemanha escreveu suas memórias no fim da década de 1990. Meu contato com ele originou-se de material sobre o SS-Obergruppenführer Gottlob Berger (1896–1975) que entreguei ao sr. Duppel. Berger foi o fundador da Waffen-SS e um dos associados mais próximos de Himmler.

23 Franz Schönhuber, *Eu estive lá* (Munique: Albert Langen, 1981), pp. 49–50.

III. A Ahnenerbe da SS

A Fase Formativa

Em julho de 1935, Heinrich Himmler, Herman Wirth e vários outros nacional-socialistas de mentalidade *völkisch* fundaram a "Studiengesellschaft für Geistesurgeschichte", uma sociedade para o estudo de algo que poderia ser chamado de história das ideias primordiais. Essa associação privada mais tarde se transformou na notória Ahnenerbe da SS. O acréscimo "ur" foi invenção de Herman Wirth, que usava o prefixo para indicar que a raça nórdica estava espiritualmente enraizada em tempos pré-históricos, os quais, contudo, só seriam compreensíveis por meio da "Ursymbolforschung" que ele havia desenvolvido. Estudando os símbolos pictóricos, figurativos e linguísticos, bem como outros vestígios da suposta religião primeva dos povos nórdicos, Wirth "detectava" correlações genéticas entre todos os seus membros desde tempos imemoriais até o presente. Wirth, nascido nos Países Baixos, era um romântico sem esperanças, a quem a reviravolta da fortuna ofereceu a oportunidade de se tornar, por algum tempo, um intelectual *völkisch* proeminente. Do governo nacional-socialista, Wirth esperava apoio e patrocínio para suas ideias. Ele tinha autoconfiança suficiente para sentir que o destino lhe havia delegado a tarefa de apontar ao povo alemão o caminho para um futuro luminoso.

Embora Wirth tenha se apropriado sem hesitação dos estudos raciais nacional-socialistas para corroborar seus pensamentos, ele permaneceu, antes de tudo, um visionário *völkisch* com objetivos predominantemente espirituais, consagrando sua vida inteira à difusão de suas descobertas ur-simbólicas sem considerar as consequências para si mesmo ou para a vida de sua família. Seus estudos de símbolos ou emblemas eram motivados religiosamente e nunca se sentiram inteiramente à vontade em um ambiente acadêmico. Wirth visava à renovação espiritual de uma sociedade alemã definhante, que ele acreditava estar presa em um estado de decadência e desespero depois da guerra perdida. Como um dos

numerosos videntes e profetas surgidos com a República de Weimar, Wirth previa a queda total da Alemanha, embora ao mesmo tempo recomendasse a aplicação de suas percepções como remédio auxiliar. Retornar à herança ancestral, à "Ahnenerbe" da raça nórdica, era, em sua opinião, a única possibilidade para que seus membros maltratados se recuperassem e reconquistassem a força e a glória anteriores do Reich alemão.

Diante desse pano de fundo, não era de surpreender que Wirth se sintonizasse com o despertar religioso *völkisch* de 1933 e se alinhasse ao nascente Movimento da Fé Alemã. Como membro de seu círculo interno ("Führerrat"), ele participou ativamente das primeiras discussões sobre como avançar com a ruptura pagã. A revista de Hauer, *Deutscher Glaube*, que igualmente tentava responder a esse propósito, passou a aparecer, desde 1934, em associação com um grupo de personagens *völkisch*, entre eles Herman Wirth.[24] Como se mostrou fora de seu alcance ditar o tom, Wirth recusou qualquer envolvimento posterior no Movimento da Fé Alemã. Típico de quase todos os profetas *völkisch*, seu senso de missão e sua enérgica autoconsciência não permitiam qualquer submissão às ideias de outros. Assim, revelou-se um acaso da história quando ele recebeu a oportunidade de encontrar Heinrich Himmler pessoalmente, em outubro de 1934, numa festa do publicista nazista Johann von Leers (1902–65), que era casado com sua antiga secretária. A aliança com Himmler ajudou Wirth a escapar de pelo menos algumas das querelas provocadas pelo evangelismo pagão e o manteve afastado dos problemas geralmente ligados à fundação de uma nova religião. A Ahnenerbe ofereceu perspectivas muito melhores para Wirth levar à concretização suas ideias espirituais de reforma da vida.

Himmler concordava de todo o coração com as várias manifestações de crítica cultural de Wirth, com sua predileção por tudo que fosse nórdico, bem como com sua tremenda veneração pelos antigos alemães. Contudo, a controvérsia em torno da *Ura Linda Chronicle*, livro que Wirth publicou em 1933, levantou a questão de como avaliar sua reputação científica e de outros tipos. Outra crítica teve origem no fato de que Wirth havia recebido

24 Wirth contribuiu com um pequeno artigo para o segundo número: "O tempo de Deus", *Fé Alemã* 2 (1934), pp. 71–4.

dinheiro de judeus que anteriormente haviam facilitado alguns de seus projetos. Seu envolvimento com o Movimento da Fé Alemã despertou novas suspeitas, e até mesmo nacional-socialistas se ressentiram de sua postura como arauto do paganismo antigo-germânico. As atividades iniciadas na órbita de Alfred Rosenberg para obter hegemonia ideológica na Alemanha nacional-socialista pressionaram a Ahnenerbe a reconsiderar o papel de Wirth. Especialmente quando se tratava da questão de levantar apoio público, sua posição tornou-se questionável. O compromisso pagão de Wirth alimentava a impressão de um sectarismo religioso odioso e comprometia a posição de Himmler na hierarquia nazista. Independentemente de suas simpatias gerais pela imaginação fértil de Wirth, Himmler teve de se distanciar do reformador *völkisch*. Portanto, não lhe restou outra escolha senão romper o vínculo com ele.

A Transformação da Ahnenerbe em um Think Tank

A mudança da Ahnenerbe, de uma associação de pessoas com ideias rudimentares para um núcleo científico de especialistas, tornou-se visível quando Himmler substituiu Wirth por um jovem e ambicioso professor de estudos indianos e iranianos da Universidade de Munique, Walther Wüst (1901–93), em fevereiro de 1937. Decorrente de um encontro confidencial entre Himmler, Wüst, Bruno Galke, o oficial financeiro do estado-maior pessoal de Himmler (“Persönlicher Stab”), e Wolfram Sievers, o diretor-gerente da Ahnenerbe, na residência particular de Himmler em Tegernsee, em 1938, Wüst foi nomeado o novo presidente da Ahnenerbe. Apenas um mês depois da nomeação de Wüst, Wirth foi consequentemente relegado à posição de presidente honorário. Principalmente por melhores oportunidades de captação de recursos, Wüst e Himmler alteraram mais tarde suas posições, fazendo de Wüst curador da Ahnenerbe a partir de 1º de janeiro de 1939. Segundo o protocolo dessa notável reunião em Tegernsee, Himmler atribuiu a Wüst uma série de ordens, por exemplo, o monitoramento das atividades de Wirth e de sua produção literária. Um extenso manuscrito de Wirth sobre Odal apareceu até mesmo, na

percepção de Himmler, como uma obra medíocre que precisava de revisão abrangente para impedir que a Ahnenerbe fosse alvo de críticas ou zombaria. Em contrapartida, Wirth teve de restringir-se a seus estudos de símbolos e consultar Wüst antes de publicar qualquer um de seus escritos.[25]

Em marcado contraste com Wirth, Wüst não tinha inclinação alguma para uma remodelagem pagã do mundo. Criado em uma família protestante tradicional, Wüst nunca se afastou da religião de sua juventude, como tantos líderes do movimento *völkisch* fizeram, os quais, na verdade, frequentemente eram convertidos cristãos ou pretensos renovadores decepcionados de seus antigos grupos religiosos de pares. Wüst permaneceu em um meio protestante, proferindo, por exemplo, uma palestra na convenção anual da Missão da Basileia para o Leste Asiático, uma das principais sociedades missionárias protestantes, na Basileia, em 1931. Várias tentativas de Jakob Wilhelm Hauer, antigo membro da concorrente Missão da Basileia pietista, de atrair Wüst para o Movimento da Fé Alemã encontraram nele uma forte repulsa. A ocupação acadêmica de Wüst com a cultura e a religião da Índia o aproximara, no fim da década de 1920, do pensamento de Herman Wirth, a quem admirou durante alguns anos por sua elaborada crítica cultural. Ao perceber, em Tegernsee, a oportunidade de ascender ao topo de uma organização inegavelmente influente, Wüst não hesitou um segundo em separar-se do fundador e reitor espiritual da Ahnenerbe, que fora uma fonte de sua inspiração intelectual no passado. Em amarga decepção, Wirth saiu em dezembro de 1938.

Seis meses antes, Wüst havia apresentado um relatório detalhado sobre a situação real, declarando que a Ahnenerbe, que começara com cinco divisões em 1935, agora consistia em vinte departamentos e setenta e dois colaboradores, número que dobrou até o fim da guerra.[26] Grande parte da pesquisa da Ahnenerbe tinha uma orientação acadêmica ou histórico-filológica tradicional. Não havia um único instituto encarregado de tarefas religiosas, embora existisse uma seção específica sobre as raízes espirituais

25 Veja, sobre as ordens de Himmler e o contexto da discussão de Tegernsee, Horst Junginger, “De Buda a Adolf Hitler. Walther Wüst e a tradição ariana”, em ibidem, ed., *O estudo da religião sob o impacto do fascismo* (Leiden: Brill, 2008), pp. 121–2.

26 Um diagrama dos vários departamentos da Ahnenerbe em 1943/44 encontra-se em ibidem, p. 142.

da raça indo-germânica ou ariana. Ela era chefiada por Otto Huth (1906–98), um dos primeiros seguidores de Herman Wirth, que fez sua habilitação sob orientação de Jakob Wilhelm Hauer na Universidade de Tübingen em 1938.[27] Como membro de um círculo dedicado ao trabalho do filósofo e psicólogo alemão Ludwig Klages (1872–1956), Huth pertenceu por algum tempo à comunidade de trabalho do Movimento da Fé Alemã. Quando o visitei, em meados da década de 1990, ele enfatizou fortemente o contexto científico de sua filiação à Ahnenerbe. Compreensível como tal opinião era, ela invertia a verdade, procurando obscurecer as dimensões políticas e ideológicas de seu compromisso. Contudo, o trabalho de Huth para a Ahnenerbe aparentemente carecia de uma agenda religiosa concreta.

Atividades da Ahnenerbe: Da Ideologia ao Crime

A constituição da Ahnenerbe de 1937 proclamava três objetivos principais: primeiro, explorar o espaço, o espírito e os feitos dos indo-germânicos; segundo, difundir entre o povo alemão resultados de pesquisa relevantes; e, terceiro, mobilizar todos os compatriotas alemães para participar desses esforços.[28] Qualquer concentração ou mesmo menção de objetivos religiosos específicos está ausente. Central para o programa da Ahnenerbe era, em contraste, o desenvolvimento de uma visão de mundo científica que tinha duas funções primárias: obter aceitação geral como centro ideológico do Nacional-Socialismo e ser usada na formação de visão de mundo dos membros da SS de modo análogo aos esforços do Amt Rosenberg para o NSDAP. Sendo esse o caso, Himmler tentou infiltrar o sistema universitário e afetar a política cultural do Terceiro Reich com uma concepção *völkisch* de história, baseada na raça, a ser elaborada pela Ahnenerbe. Em vez de planos de pesquisa bastante absurdos, como a Teoria do Gelo Cósmico do engenheiro austríaco Hanns Hörbiger (1860–

27 Para Huth, veja Horst Junginger, *Da filológica à ciência da religião völkisch*, pp. 248–268 e idem, "Huth, Otto" em Ingo Haar e Michael Fahlbusch, eds., *Manual das ciências völkisch* (Munique: Saur, 2008), pp. 246–49.

28 Veja Michael H. Kater, *A "Ahnenerbe" da SS 1935–1945. Uma contribuição para a política cultural do Terceiro Reich* (Munique: Oldenbourg, 1997, 1ª edição alemã 1974), p. 85 e a introdução ao acervo NS 21 do Arquivo Federal Alemão: www.bundesarchiv.de.

1931), a busca por ouro em rios alemães, a criação de cavalos resistentes à geada ou um sistema germânico de controle de natalidade, outros empreendimentos vieram à tona. A execução de explorações, em particular, ganhou impulso e recorreu aos recursos da Ahnenerbe. Petroglifos na Suécia (Bohuslän), inscrições rupestres pré-históricas na Itália (Val Camonica) ou a herança nórdica do Império Romano no Oriente Médio chamaram a atenção dos estudiosos da Ahnenerbe. A expedição ao Tibete de 1938–39, liderada pelo zoólogo e oficial da SS Ernst Schäfer (1910–92), foi considerada um enorme sucesso e despertou extraordinário interesse público.[29] Um documentário da expedição causou sensação quando foi exibido publicamente pela primeira vez em Munique, em 16 de janeiro de 1943.

Antes da estreia vespertina desse filme intitulado “Geheimnis Tibet”, o departamento já existente da Ahnenerbe para Pesquisa da Ásia Interior foi transformado em um “Sven Hedin Reichsinstitut für Innerasien und Expeditionen”. A ostentosa cerimônia de abertura do novo instituto, batizado em homenagem ao explorador sueco mundialmente célebre, foi organizada por Wüst em sua condição de diretor científico da Ahnenerbe e reitor da Universidade de Munique. Ela foi acompanhada pela concessão de um doutorado honorário a Hedin. Em seu discurso cerimonial, Wüst afirmou que o venerado Hedin era um dos maiores amigos e admiradores da Alemanha no exterior. Hedin respondeu afirmativamente, mostrando-se um apoiador firme da causa alemã. Ignorante do iminente desastre de Stalingrado, Hedin expressou sua forte convicção de que a vitória das tropas alemãs seria iminente. Declarações favoráveis do explorador sueco e autor amplamente lido sobre as realizações políticas e a capacidade militar do Terceiro Reich foram avidamente recebidas e amplamente divulgadas pela propaganda nacional-socialista. Embora se pudesse conceder certo grau de ingenuidade política da parte de Hedin, ele não tinha escrúpulos em elogiar um regime de terror que havia atacado quase todas as nações europeias e em fazer campanha por sua aliança com a

29 Veja o artigo de Isrun Engelhardt neste volume, bem como Christopher Hale, *A cruzada de Himmler. A verdadeira história da expedição nazista de 1938 ao Tibete* (Londres: Bantam Books, 2003), Wolfgang Kaufmann, *O Terceiro Reich e o Tibete. A pátria da “suástica oriental” no campo de visão dos nacional-socialistas* (2ª ed. Ludwigsfelde: Ludwigsfelder Verlagshaus, 2010) e Peter Mierau, *Política expedicionária nacional-socialista. Expedições alemãs à Ásia 1933–1945* (Munique: Utz, 2006).

Suécia. Além de qualquer inclinação pagã, Hedin concentrava-se no arqui-inimigo russo, cuja derrubada exigiria a solidariedade inabalável de todas as forças nórdicas contrárias. A pesquisa sobre a Ásia Interior e o instituto batizado em homenagem a Hedin transformaram-se no maior ramo da Ahnenerbe, embora tenha sido necessário transferi-lo para um castelo austríaco em agosto de 1943 devido ao agravamento da situação militar.

Outra tentativa de difundir e impor a ideia nórdica foi o "Germanischer Wissenschaftseinsatz", um projeto de guerra da SS para implementar uma nova ordem para toda a Europa. Uma divisão especial com o mesmo nome foi incorporada ao esquema da Ahnenerbe em 1942, com seu chefe Hans Ernst Schneider (1909–99) viajando por todas as partes ocupadas da Europa para estabelecer contatos com instituições e pessoas germanófilas. As atividades do "Germanischer Wissenschaftseinsatz" eram voltadas a fortalecer a unidade ideológica com as nações nórdicas, principalmente Bélgica, Dinamarca, Países Baixos e Noruega. Schneider conseguiu estabelecer filiais em Flandres, França, Países Baixos, Noruega e Valônia.[30] Para além da colaboração com organizações e intelectuais afins, a equipe de Schneider pretendia recrutar voluntários para a Waffen-SS alemã, a fim de lutar lado a lado com seus irmãos de sangue alemães contra o exército soviético. Embora os alemães ocultassem suas pretensões de supremacia da maneira mais eficaz possível, não podia haver dúvida de que a influência de indivíduos, instituições e nações colaboracionistas seria restrita ao mínimo na Europa vindoura. Depois da guerra, Schneider construiu uma carreira bem-sucedida como professor de literatura na Universidade de Aachen, assumindo o nome substituto Schwerte. Foi apenas em 1995 que sua verdadeira identidade como oficial da SS e chefe de departamento da Ahnenerbe se tornou pública.

Uma perceptível mudança das humanidades e das questões ideológicas para as ciências naturais ocorreu depois da invasão alemã da Polônia e do início da Segunda Guerra Mundial. Agora, a formulação da ideologia saiu dos holofotes, dando lugar à concentração em preocupações práticas e orientadas à aplicação. Nas circunstâncias da guerra, temas de visão de

30 Veja Horst Junginger, "Introdução", em ibidem, ed., *O estudo da religião sob o impacto do fascismo*, p. 75 e, para o contexto geral, Kater, *A "Ahnenerbe" da SS*, pp. 170–90.

mundo tinham de ser subordinados ao imperativo militar. As necessidades de uma guerra bem-sucedida, por exemplo a busca por uma produção alternativa de petróleo ou a busca geral por autarquia econômica, tornaram-se muito mais importantes do que a emissão de declarações ideológicas. Não foi a idealização mitológica do Tibete, mas uma diretriz de Hitler de 5 de abril de 1942, que resultou na intensificação do trabalho da Ahnenerbe naquela região. Apenas alguns dias depois do anúncio de Hitler da ofensiva estratégica de verão (“Fall Blau”) para avançar ainda mais para o leste após a captura dos campos petrolíferos caucasianos, Himmler visitou em Munique o departamento da Ahnenerbe para pesquisa sobre a Ásia Interior e ordenou a ampliação do foco da Ahnenerbe. Todos os empreendimentos da Ahnenerbe enquadravam-se na disposição de melhorar a força militar da Alemanha durante a guerra. Com a criação do infame Instituto de Pesquisa Científica Militar (“Institut für wehrwissenschaftliche Zweckforschung”), que conduzia experimentos médicos e outros experimentos com seres humanos, a porta para uma fusão entre ideologia e crime foi escancarada.

Em nome da Ahnenerbe, Sigmund Rascher (1909–45) realizou experimentos de grande altitude e congelamento com detentos do campo de concentração de Dachau para detectar a altura máxima a que os pilotos poderiam ser submetidos, bem como o limite de tempo de exposição à água fria depois de queda no mar. Outros testes horríveis em Dachau incluíram experimentos com Polygal e de coagulação sanguínea. Preparando-se para a guerra química, August Hirt (1898–1945) conduziu experimentos com venenos e ferimentos no campo de concentração de Natzweiler-Struthof, a fim de desenvolver um tratamento para intoxicações causadas pelo gás Lost (gás mostarda sulfurado). Hirt, professor de anatomia da Universidade do Reich de Estrasburgo, forneceu as três primeiras letras de seu sobrenome para um departamento especial, “Amt H” ou “Amt Hirt”, criado por Himmler em 7 de julho de 1942 para esse tipo de pesquisa da Ahnenerbe. Com o estabelecimento de uma coleção de crânios e esqueletos de judeus previamente assassinados para seu exame racial, Hirt cometeu um dos crimes mais hediondos que a história já viu. Pouco depois da formação do “Amt H”, Wüst acompanhou Himmler em

uma visita a Auschwitz, em meados de julho, com o objetivo de obter uma visão geral da situação ali e, com toda probabilidade, também de inspecionar novas possibilidades de pesquisa.[31]

Um Impacto Religioso da Ahnenerbe?

Um exame mais atento das atividades da Ahnenerbe mostra muito claramente que sua intenção seguia na direção de uma visão de mundo científica, e não na de um revivalismo religioso. A fundação de uma nova religião com clérigos pagãos, ritos antigo-germânicos ou a invenção de um panteão de deuses e divindades pagãos nunca esteve na agenda da Ahnenerbe. Tampouco tal empreendimento teria obtido o consentimento de Hitler, que rejeitava e ridicularizava duramente toda tentativa de revigorar a religião dos antigos germanos, nem a Ahnenerbe teria recebido financiamento para seus projetos de agências estatais como a Fundação Alemã de Pesquisa. A maioria dos membros da Ahnenerbe constava da folha de pagamento do Ministério da Ciência e Educação do Reich, se não diretamente como professores universitários, então indiretamente como funcionários de projeto.

A única pessoa além de Wirth com claros interesses religiosos, ou, mais precisamente, esotéricos, era o ariosofista austríaco Karl Maria Wiligut (1866–1946), apelidado de "Weisthor" durante o período do Nacional-Socialismo e de "Rasputin de Himmler" depois.[32] Como membro da Sociedade Edda, Wiligut participou da reunião fundadora da *Arbeitsgemeinschaft Deutsche Glaubensbewegung* em Eisenach, em julho de 1933.[33] Algumas semanas depois, entrou em contato com Himmler em uma conferência da Sociedade Nórdica, em setembro. O Reichsführer SS não apenas sentiu simpatia por ele como pessoa, mas também nutriu fascínio por suas ideias espirituais, que giravam em torno de uma antiga

31 Junginger, "De Buda a Adolf Hitler", p. 145.

32 Veja Nicholas Goodrick-Clarke, *As raízes ocultistas do nazismo. Os ariosofistas da Áustria e da Alemanha 1890–1935* (Londres: Tauris, 2012, 1ª ed. 1985), pp. 177–91. O subtítulo da edição em brochura mudou caracteristicamente de um estudo de caso acusatório para uma visão geral: *Cultos arianos secretos e sua influência na ideologia nazista*.

33 Nanko, *O Movimento de Fé Alemão*, p. 342.

religião irminista destruída violentamente durante a cristianização das tribos germânicas. Não era coincidência que o irminismo de Wiligut refletisse a árvore do mundo "Irminsul", símbolo da Ahnenerbe. Na concepção religiosa de Wiligut, um Krist germânico desempenhava o papel decisivo, tendo proclamado suas doutrinas já 12.500 anos antes do advento do Cristo cristão. Assim, a Igreja teria adotado as doutrinas de Krist e as distorcido em sua própria interpretação mais tarde. Wiligut afirmava possuir uma faculdade particular que lhe permitia comunicar-se diretamente com os descendentes de Krist até os tempos mais remotos.

Em abril de 1934, o místico austríaco foi nomeado SS Standartenführer e alcançou o posto de SS Brigadeführer em setembro de 1936, dois anos depois. Durante esse período, Wiligut foi adotado como uma espécie de conselheiro espiritual de Himmler, que lhe permitiu dar vazão a suas ideias até certo ponto. O mais conhecido é provavelmente o famoso "Totenkopfring", o anel da caveira da SS, desenhado por Wiligut com elementos rúnicos como insígnia do antigo legado germânico. Todo recipiente recebia uma carta de acompanhamento de Himmler, exigindo lealdade ao Führer e o dever de seu portador de sacrificar a própria vida pela comunidade, se necessário.[34] A partir de seus estudos particulares, Wiligut descobriu ampla evidência da verdade e do significado da crença irminista. Ele também influenciou a reconstrução do castelo de Wewelsburg, que, segundo seus desejos, deveria ser transformado em um castelo de ordem e centro cerimonial da SS.[35] Mas as ideias de Wiligut nunca se concretizaram. A suposição de que Wewelsburg teria sido um centro espiritual da SS é um mito moderno sem fundamento, embora seja predominante em círculos esotéricos e neonazistas. De modo semelhante, as famosas Externsteine, uma impressionante formação rochosa na floresta de Teutoburgo, perto de Detmold, atraíam as fantasias de pessoas com ideias afins. Apesar de grandes esforços, jamais se encontrou qualquer

34 Ordem de Himmler datada de 10 de abril de 1934. Veja, quanto à sua formulação, Peter Longerich, *Heinrich Himmler. Uma biografia* (Munique: Siedler Verlag, 2008), p. 298 e p. 850.

35 Cf. Jan Erik Schulte, ed., *A SS, Himmler e a Wewelsburg* (Paderborn: Schöningh, 2009), em particular Daniela Siepe, "O papel da Wewelsburg na literatura fantástica, no esoterismo e no extremismo de direita após 1945" (pp. 488–512), bem como Karl Hüser, *Wewelsburg 1933–1945. Local de culto e terror da SS. Uma documentação* (Paderborn: Verlag Bonifatius Druckerei, 2ª ed. 1987) e o excelente catálogo da exposição permanente do Museu Distrital de Wewelsburg: Wulff E. Brebeck et al., eds., *Combatentes do fim dos tempos. Ideologia e terror da SS. Livro de acompanhamento da exposição permanente em Wewelsburg* (Berlim: Deutscher Kunstverlag, 2012).

prova que fornecesse evidência de sua suposta função como centro pré-cristão de uma religião nórdica ou pagã. Em novembro de 1938, Himmler soube que Wiligut havia passado vários anos em um hospital psiquiátrico em Salzburgo, diagnosticado com megalomania e esquizofrenia. Esse conhecimento determinou o fim da influência de Wiligut na Ahnenerbe. Embora sua dispensa em agosto de 1939 tenha sido justificada, perante o público externo, por idade avançada e saúde precária, a demissão na verdade resultou de transtorno mental e abuso de álcool.

As opiniões de Wiligut eram ainda mais bizarras do que as de Wirth, embora apresentassem semelhanças na forma e no conteúdo. A rivalidade entre eles levou a críticas mútuas e à depreciação de seus respectivos ensinamentos. Wiligut, de modo algum, pode ser considerado característico ou relevante para o esquema da Ahnenerbe. Seus pensamentos religiosos mostraram-se ainda menos generalizáveis do que os de Wirth. Certamente, Himmler tinha um gosto particular pelas antigas religiões e pelos antigos ritos dos velhos alemães, dos indo-germânicos ou dos arianos. Ainda assim, exerceu contenção nesse aspecto e nunca foi imprudente a ponto de fazer uma cruzada por essa predileção de maneira demasiado ofensiva. Ele teria se exposto ao ridículo se alguém como Wiligut fosse identificado com ele ou se a Ahnenerbe tivesse solicitado financiamento para sua bobagem irminista. Por essa razão, Wüst revelou-se a pessoa certa para impedir Himmler e a Ahnenerbe de escorregarem para o vórtice do sectarismo *völkisch*, com suas múltiplas quimeras de uma imaginação nórdica que vicejava em excesso.

De modo geral, pode-se dizer que o caráter religioso da Ahnenerbe é uma ficção de épocas posteriores. A maior parte do trabalho da Ahnenerbe era direcionada à fundamentação ideológica dos propósitos políticos do Nacional-Socialismo. Suas correntes religiosas subterrâneas, embora existentes, não conseguiram vir à tona e determinar a agenda da Ahnenerbe. Até mesmo a crença na força e na herança da raça nórdica não era particularmente religiosa, mas servia ao antigo desejo alemão de dominar a Europa. Outra questão é como avaliar o sucesso da busca da Ahnenerbe por hegemonia ideológica dentro do Terceiro Reich. O

pensamento ilusório de figuras como Wirth e Wiligut dificilmente pode ser tomado como prova do pano de fundo pagão da Ahnenerbe, da SS ou do Nacional-Socialismo como tal. É bastante evidente que os esforços da Ahnenerbe para alcançar uma prerrogativa de interpretar o significado próprio e as consequências da ideologia do Nacional-Socialismo foram malsucedidos. Em vez de superar o sistema policrático de poder e ideologia que caracterizava a Alemanha nazista, a Ahnenerbe contribuiu para seu agravamento. Outras instituições no âmbito das universidades ou do NSDAP tiveram bastante êxito em negar a reivindicação da Ahnenerbe por soberania interpretativa. Ao fim da guerra, a maioria de seus projetos havia sido interrompida, exceto pela pesquisa científica militar. Embora o impacto geral da Ahnenerbe tenha sido minimizado antes do aparecimento da dissertação de Kater em 1974, sua influência é consideravelmente exagerada em nossos dias. Isso vale particularmente para uma ocupação não acadêmica com o pano de fundo ocultista e o significado esotérico da Ahnenerbe.

Baseando-se em publicações anteriores, que abordam a "história secreta" do Terceiro Reich, todo um gênero de ocultismo nazista com livros, filmes, jogos etc. surgiu no passado recente, uma parcela significativa do qual trata da Ahnenerbe e de seu cenário presumidamente clandestino. Exemplos dignos de nota são os videogames *Return to Castle Wolfenstein*, um jogo de tiro em primeira pessoa lançado em 2001 que se refere às forças ocultas da Ahnenerbe e inclui um ator com o nome Karl Willigut, e *Uncharted 2: Among Thieves*, de 2009, um videogame de ação e aventura que apresenta a expedição de Ernst Schäfer ao Tibete. O anime *First Squad: The Moment of Truth* é uma coprodução russo-japonesa, também de 2009, que retrata os poderes sobrenaturais da Ahnenerbe e seus esforços para levantar um exército de cruzados da Ordem da Cruz Sacra.[36] O popular jogo de RPG *Call of Cthulhu*, que teve sua 30ª edição de aniversário em 2011, trata das capacidades mágicas fomentadas pela Ahnenerbe. Bandas neofolk como *Blood Axis* (Michael Moynihan, Annabel Lee) recorrem a elementos da ideologia da Ahnenerbe para emoldurar sua produção. A banda marcial austríaca ou pós-industrial

36 Um anime é um filme animado japonês ou um estilo de animação cinematográfica.

Allerseelen (Gerhard Petak) usa o sol negro de Wewelsburg como emblema de capa e poemas de Karl Maria Wiligut como base textual para suas canções. Outro CD de *Allerseelen*, com o título “Neuschwaben”, tem como foco a expedição antártica alemã à Nova Suábia em 1938/39. Muitos outros padrões de um misticismo nazista onipresente poderiam ser acrescentados. Particularmente, as novas mídias oferecem um ambiente fértil para esses tipos de fantasias. Embora novas na forma, elas compartilham, contudo, elementos constitutivos de antigas teorias da conspiração que não conseguiram sobreviver à derrota do Nacional-Socialismo.

As tentativas de iluminar o suposto pano de fundo esotérico ou ocultista do Nacional-Socialismo tornaram-se muito populares, mas geralmente carecem de fundamentação histórica e científica. Em vez de explicar o contexto espiritual do nazismo, elas apenas recontam especulações anteriores, sem perder a oportunidade de enriquecer o velho com novas fantasias, conforme o gosto pessoal de cada um. Além de meras especulações religiosas e históricas, muitos desses especialistas autoproclamados agem a partir de certa simpatia pelo sistema político envolvido. Isso vale particularmente para o gênero “Ahnenerbe na ficção”. Embora tal abordagem se ajuste muito bem às ideias religiosas de Wiligut, Wirth e outros luminares *völkisch*, ela é mais que inútil — na verdade, totalmente prejudicial — para um estudo científico de seu real significado e impacto. Estudiosos sérios provavelmente se esquivam de mergulhar nos mundos fantásticos criados pelos teóricos da margem pagã, sabendo que um trabalho igualmente extenuante e enfadonho os aguarda. E, no nível da repetição posterior, as coisas se deterioram ainda mais. Assim, o Paganismo Nacional-Socialista e seu subsolo lamacento tendem a atrair antes o fascínio de pessoas de mentalidade semelhante do que interesses acadêmicos.

IV. A Irrelevância Geral do Paganismo

Esperança Vã

Com a tomada do poder pelos nacional-socialistas, as esperanças pagãs de maior influência e de uma parcela maior cresceram como cogumelos. Pela primeira vez, os pagãos julgavam ter boas razões para esperar o fim de sua marginalização e para se tornarem um elemento valioso, quem sabe até vital, da revolução nacional-socialista que havia sido posta em movimento. Para sua dolorosa experiência, nenhuma das expectativas surgidas em 1933 se realizou. Não havia uma única instituição ou departamento governamental que permitisse a difusão ilimitada da influência pagã. O Ministério da Ciência e Educação rejeitava todas as ambições pagãs de se envolver em questões de escola e ensino superior.[37] Apesar de pequenos sucessos no nível estadual federal, o ensino pagão e os professores pagãos continuaram barrados do sistema educacional. Outros ministérios, mas também o NSDAP e a SS, mostraram-se imunes ao desejo dos grupos pagãos de infiltrá-los também. A esmagadora maioria dos alemães demonstrava não apenas uma firme reserva, mas, na maioria das vezes, uma rejeição inflexível ao Paganismo e a seus esforços de proselitismo. Os números de filiação das organizações pagãs permaneceram extremamente baixos. Foi apenas por causa de sua propaganda assertiva que algumas das associações nórdicas, germânicas ou outras associações pagãs eram notadas em público.

O colapso precoce do Movimento da Fé Alemã fornece evidências convincentes de que, mesmo em circunstâncias favoráveis, os pagãos fracassaram em expandir sua influência em escala mais ampla. Eles nem sequer foram capazes de alcançar coerência ideológica em suas próprias fileiras e unir mais que uma parte de seu espectro. Com base nisso, revelou-se impossível igualar-se às Igrejas e tornar-se uma força a ser

37 Agindo em consonância com seu superior Bernhard Rust (1883–1945), Eugen Mattiat (1901–76), um teólogo protestante responsável pelas humanidades de 1934–37, repeliu todas as tentativas pagãs de ganhar espaço em assuntos educacionais. Veja Horst Junginger, “Ciência da religião”, em Jürgen Elvert e Jürgen Nielsen-Sikora, eds., *Ciências culturais e nacional-socialismo* (Stuttgart: Steiner, 2008), pp. 61–63.

levada em conta. Na verdade, o Paganismo permaneceu o fenômeno marginal que sempre fora, sem a menor perspectiva de paridade com seus oponentes cristãos. Reconhecer essa verdade simples, porém, não deve nos iludir a ponto de subestimar as transformações religiosas que afetaram a Alemanha nacional-socialista. A fundação do Movimento da Fé Alemã pode ser vista como uma expressão significativa de mudança religiosa, mostrando que era de fato possível fundir partes do despertar pagão. Depende da perspectiva, nesse ponto, como se avalia o significado da palavra “significativa”.

Do ponto de vista dos pagãos, a primazia cristã na Alemanha não apenas sofrera um duro golpe, mas estava à beira de ser derrubada. Só poderia ser uma questão de tempo até que eles a suplantassem e tomassem o lugar de seus antigos adversários. Os representantes da Igreja, por sua vez, exageravam o impacto do Paganismo. Com o evangelismo agressivo e o comportamento vil de seus representantes em mente, acusavam os pagãos não apenas de sua propaganda anticristã, mas também de corromper padrões morais e de minar os fundamentos éticos do Estado e da sociedade como um todo. Com base nisso, dificilmente é possível chegar a uma estimativa sólida da influência real do Paganismo *völkisch*. Ambos os relatos apresentam grandes déficits e julgamentos enviesados. A situação real tinha pouco a ver com os sonhos elevados dos pagãos e com a agitação das Igrejas contra eles. Deixando a ideologia de lado, está fora de questão que o Paganismo continuou a ter tamanho insignificante desde o início até o fim do regime nazista. A notoriedade de sua existência não resultou de evidências factuais, mas do alvoroço ideológico que seus propagadores e adversários provocavam. A pesquisa histórica tem a tarefa de objetivar essas turbulências e colocá-las em perspectiva.

Evidência Estatística

Dados estatísticos básicos demonstram que os pagãos fracassaram miseravelmente em alcançar mais que uma parcela ínfima da população

com suas ideias de uma religião nórdica ou indo-germânica. Os censos populacionais de 16 de junho de 1933 e 17 de maio de 1939 praticamente não mostram diferença em relação ao seu tamanho. A distribuição geral de 95 por cento de cristãos e 5 por cento de não cristãos também não mudou. Em 1933, 95,2 por cento de uma população total de 65,2 milhões pertenciam a uma Igreja cristã. Os 4,8 por cento restantes consistiam em judeus (0,8), não crentes sem qualquer filiação religiosa (3,7), pessoas sem declaração (0,1) e 0,2 por cento, ou 153.152 pessoas, que criam em uma religião diferente da cristã ou judaica.[38] A maior mudança de 1933 a 1939 dizia respeito aos judeus, que sofreram uma redução pela metade, de 0,8 para 0,4 por cento, em razão de uma política crescente de expulsão. Seis anos depois que os nazistas tomaram o poder, a margem pagã ainda estava confinada a um pequeno subgrupo dentro do pequeno grupo de cerca de 5 por cento de pessoas não filiadas nem às Igrejas protestantes nem à católica. O gráfico na página seguinte ilustra claramente que os cristãos continuavam a formar a maioria absoluta dos então aproximadamente 80 milhões de residentes do Reich alemão.[39]

Durante a guerra, a proporção deslocou-se ainda mais em benefício das Igrejas. Como os territórios ocupados pela Wehrmacht alemã tinham uma predominância cristã esmagadora, a porcentagem de pagãos diminuiu correspondentemente. Um compêndio católico publicado em 1943 observou com grande satisfação que, entre os agora 96 milhões de habitantes da “Groß-Deutschland”, 48 milhões eram católicos e apenas 45 milhões protestantes. Somando Alsácia-Lorena, Luxemburgo e o “Generalgouvernement”, com nada menos que 9 milhões de católicos, a alteração teria sido ainda mais perceptível.[40] O estatístico católico esperava que o tamanho total de todos os cristãos alcançasse 105 milhões de pessoas em um futuro próximo, entre elas 59 milhões de católicos e 46 milhões de protestantes, o que significava que os católicos teriam conseguido superar os protestantes em número. Falar da participação cristã na Alemanha ou na

38 Veja, quanto aos números de 1933, a *Estatística do Reich Alemão* oficial, vol. 451-3 (Berlim: Verlag für Sozialpolitik, Wirtschaft and Statistik, 1936), p. 3/7. Para todo o Reich Alemão, apenas 34 grupos com orientação ariana ou germânica são listados no apêndice (ibidem, p. 3/73); a maioria deles, quando muito, não ultrapassava algumas centenas de membros.

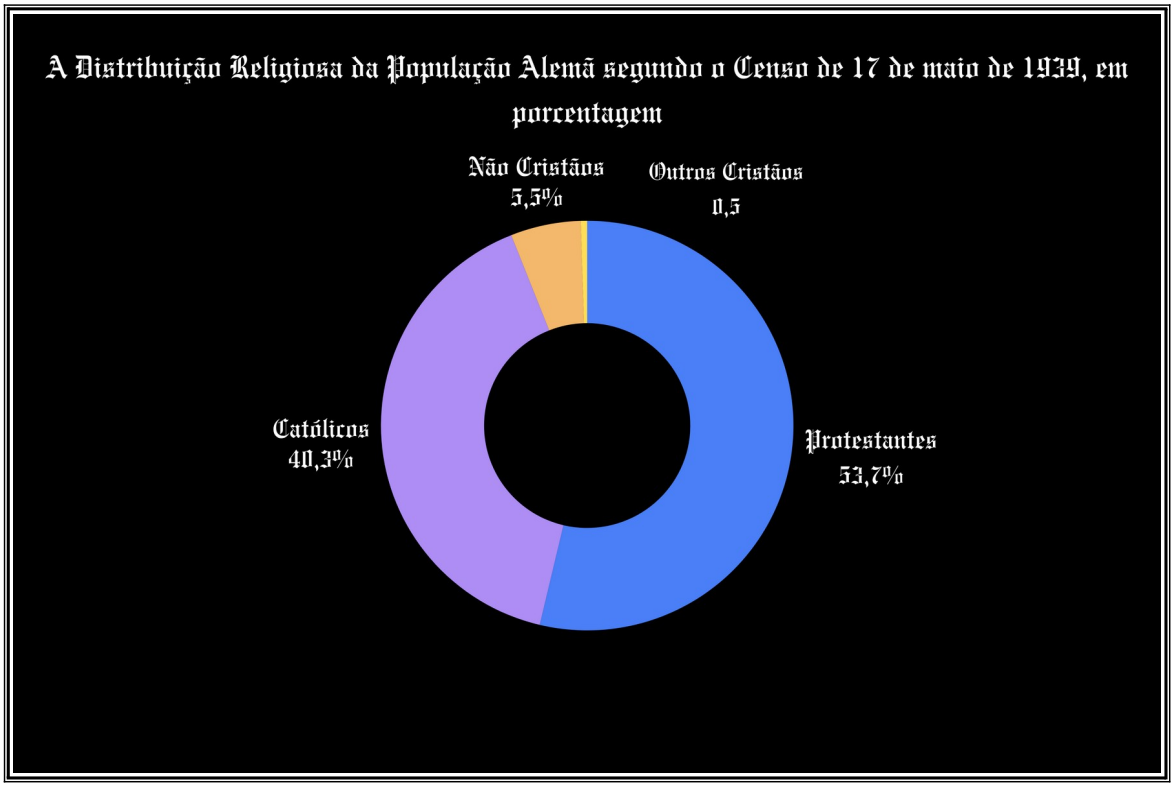
39 Os números provêm do relatório oficial do censo publicado em Statistisches Reichsamt, ed., *Economia e estatística* 9-1 (1939), p. 173.

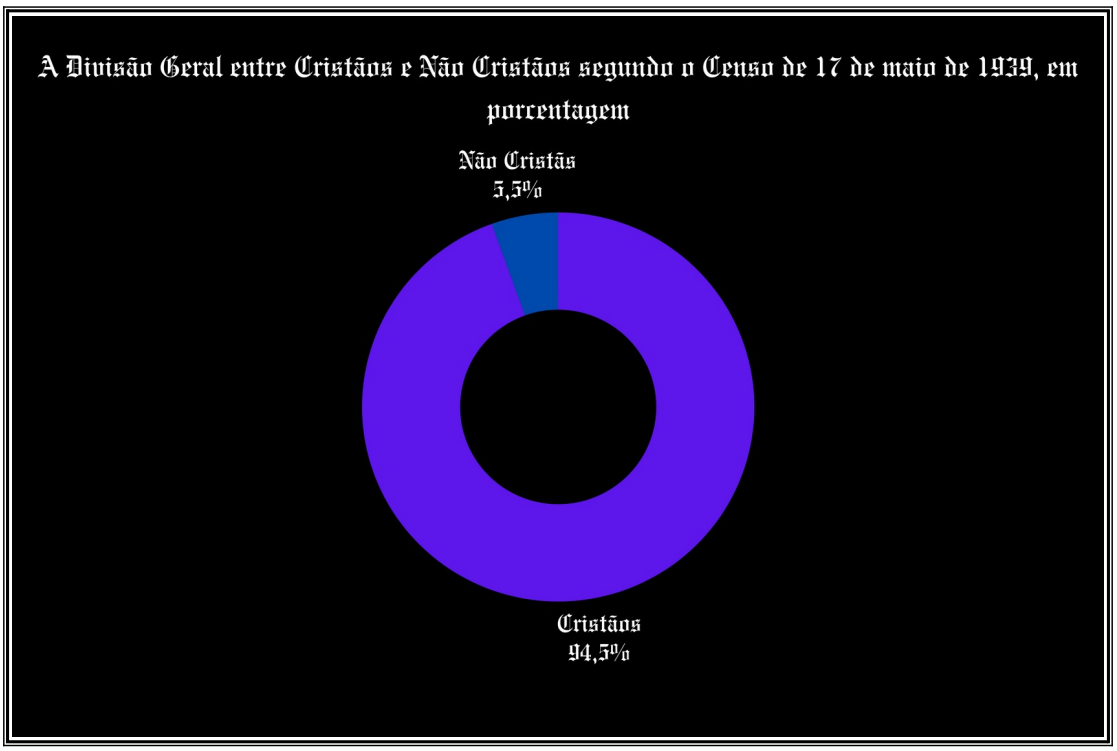
40 *Manual eclesiástico para a Alemanha católica*, vol. 22 (Colônia: J. P. Bachem, 1943), p. 158s.

Grande Alemanha, respectivamente, envolve números na casa dos 75 milhões antes e dos 100 milhões durante a Segunda Guerra Mundial. Os pagãos, por outro lado, mal ultrapassavam alguns milhares, com uma tendência inequívoca de declínio. Com eles, evidentemente, travar a guerra teria sido impossível.

A Distribuição Religiosa da População Alemã segundo o Censo de 17 de maio de 1939

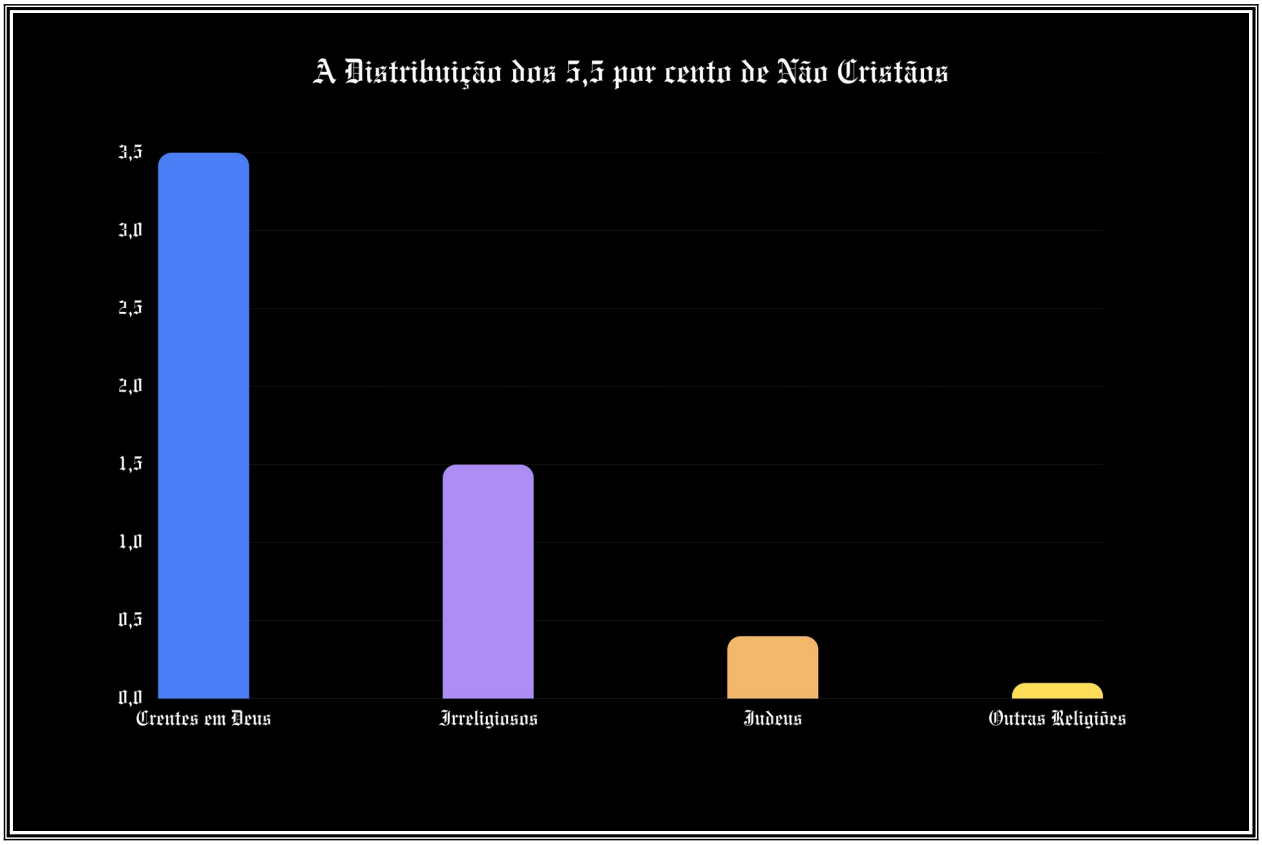
Pessoas no Total	Números	Porcentagens
Membros de uma Igreja, associação religiosa ou comunidade de visão de mundo de base religiosa	75.393.799	95,0
A saber:		
Membros das Igrejas e denominações protestantes	42.636.218	53,7
Membros da Igreja Católica Romana	31.943.932	40,3
Outros cristãos	419.612	0,5
Judeus	307.614	0,4
Membros de outras associações religiosas não cristãs e comunidades de visão de mundo de base religiosa	86.423	0,1
Crentes em Deus	2.745.893	3,5
Irreligiosos	1.208.005	1,5
Sem declaração	27.584	0,0
População total	79.375.281	100,0





Se examinarmos mais de perto os 5,5 por cento, ou 4.347.935 pessoas, fora das Igrejas em maio de 1939, esse segmento consistia principalmente em não crentes, judeus, outros não cristãos e um novo grupo de crentes em Deus, a saber, alemães que se consideravam “gottgläubig” (“crentes em Deus”) em sentido geral. Enquanto a distribuição proporcional de cristãos e não cristãos, numa razão de 95:5 por cento, permaneceu basicamente constante, ocorreu uma flutuação perceptível dentro do grupo dos não cristãos. Em junho de 1933, o censo havia revelado 2,7 milhões, ou 3,7 por cento, de alemães sem qualquer filiação religiosa, chamados “Gemeinschaftslose”, pessoas sem uma comunidade religiosa. Segundo os registros estatísticos, a maioria deles passou para o grupo dos “crentes em Deus” seis anos depois. Apenas 1,5 por cento negou categoricamente a pergunta do censo de maio de 1939 sobre sua filiação religiosa, dizendo que eram irreligiosos ou ateus. Isso não surpreende, dada a depreciação geral do ateísmo e de uma vida sem religião, Deus e moral. Independentemente de sua forma específica, uma crença geral em Deus e na providência divina ainda era considerada obrigatória para um bom alemão. O Nacional-Socialismo chegou a consolidar esse lugar-comum ao motivar uma parte significativa do grupo

de não crentes de 1933 a se tornar crente em Deus em 1939. A única outra alteração substancial dizia respeito aos judeus alemães. Cerca de quinze semanas antes do início da Segunda Guerra Mundial, pouco mais de 300.000 judeus (0,4 por cento) viviam na Alemanha. Todas as outras religiões — incluindo budistas, hindus, muçulmanos, pagãos etc. — somavam 86.423 pessoas, ou 0,1 por cento da população alemã no total. Muito obviamente, o Paganismo não se beneficiou do regime nazista.



Falando de religiões nórdicas ou *völkisch*, ou do Paganismo como tal, devemos ter em mente que nosso grupo de referência é composto por menos de um milésimo da população alemã. E, dentre estes, generosamente, 100.000 pessoas, apenas uma pequena minoria pertencia a uma organização pagã. Isso significa que o Paganismo não tinha relevância estatística alguma. Absolutamente nada havia mudado do censo de junho de 1933 para o de maio de 1939 nesse aspecto. Embora associações pagãs como o Movimento da Fé Alemã e pagãos *völkisch* como Jakob Wilhelm Hauer ou Herman Wirth tenham se saído bem em criar considerável alvoroço religioso, exaltações de um lado e rejeição feroz do outro, jamais tiveram qualquer impacto perceptível sobre o desenvolvimento geral da religião na Alemanha.

O que de fato indica uma mudança religiosa significativa, embora dentro dos limites estreitos de 5,5 por cento da população alemã, é o grupo de 2,7 milhões, ou 3,5 por cento, de crentes em Deus. “Crente em Deus” era um termo introduzido pelo Ministério do Interior do Reich em 26 de novembro de 1936 para substituir a antiga expressão “dissidente” em documentos oficiais.[41] Pessoas não afiliadas a uma denominação específica tinham agora a chance de evitar sua identificação com ateísmo e descrença. Anteriormente, “dissidente” era o rótulo para pessoas que haviam se dissociado da Igreja, isto é, do código de comportamento geralmente aceito e, numa sociedade com uma confusão profunda entre Igreja e Estado, da ordem social como tal. Do ponto de vista do ministério, nacional-socialistas sem filiação à Igreja não poderiam de modo algum ser tratados como cidadãos de status inferior, como ocorrera com os antigos dissidentes. Particularmente destinada a membros do NSDAP, a noção de “gottgläubig” deveria libertar todas as pessoas do cheiro de um ateísmo sem Deus. O decreto foi adicionalmente emitido pelo Ministério dos Assuntos Eclesiásticos do Reich e pelo Adjunto do Führer e Ministro do Reich sem Pasta, Rudolf Hess (1894–1987). Lançado no rastro da luta eclesiástica, evidentemente tinha subtons anticlericais, já que facilitava a decisão dos alemães de deixar a Igreja.

Há pouca dúvida de que um grande número de pessoas com afinidades pagãs figurava entre os crentes em Deus depois que suas organizações religiosas se dissolveram. Também é seguro presumir que a porcentagem de alemães que se declaravam “gottgläubig” no censo de 1939 era significativamente maior na SS, no SD e em outras organizações nazistas do que na população média. Mas também cristãos impacientes com a Igreja podiam sentir-se autorizados a se apoiar no termo crente em Deus para seus próprios sentimentos religiosos. Advertências da Igreja contra o uso da designação “gottgläubig” indicam que alguns cristãos de fato o fizeram. Embora uma tendência geral ao afastamento da Igreja em partes da sociedade alemã pareça ser corroborada pela pesquisa de 1939, nada de concreto pode ser dito sobre o compromisso religioso daqueles 2,7

41 Veja o verbete “gottgläubig” em Cornelia Schmitz-Berning, *Vocabulário do nacional-socialismo* (Berlim: de Gruyter, 2000), pp. 281–83.

milhões de alemães que agora escolhiam o termo crente em Deus para indicar suas visões religiosas. Pesquisas futuras terão de reunir mais material sobre seus motivos, estrutura social, inclinação política e possivelmente novas ideias e comportamentos religiosos.

V. Religião Nórdica ou Ideologia Nórdica?

Um exame mais atento da Ahnenerbe a partir da perspectiva da história geral das religiões leva a contrariar pressupostos convencionais da historiografia da luta eclesiástica, bem como as fantasias de historiadores amadores envolvidos com o subsolo esotérico do Nacional-Socialismo. Em vez disso, é necessário destacar que a Ahnenerbe da SS não pertencia ao movimento pagão, que começou a se desenvolver em 1933. Embora existissem vínculos entre membros da Ahnenerbe, como Herman Wirth, Karl Maria Wiligut e Otto Huth, e associações pagãs no início, essas conexões eram frouxas e restritas a interesses individuais. Com a substituição de Herman Wirth por Walther Wüst, de um escritor *völkisch* por um professor universitário em ascensão, todas as tentativas de relacionar o trabalho da Ahnenerbe a uma agenda pagã deram em nada. A nova liderança da Ahnenerbe não tinha em mente a fundação de uma religião *völkisch* ou nórdica, nem atuava como ponta de lança do Paganismo Nacional-Socialista. Afirmações de que a Ahnenerbe teria sido a vanguarda de uma nova contrarreligião anticristã são falsas e enganosas em muitos aspectos.

Afirmações desse tipo no pós-guerra normalmente tomam as estratégias argumentativas e comportamentais das antigas partes envolvidas como evidência *prima facie* e ignoram a natureza enviesada de declarações religiosamente motivadas dirigidas a seus opositores anticristãos ou antipagãos, respectivamente. Outro erro difundido é medir o Paganismo tendo em mente o modelo da Igreja cristã. Seu caráter como movimento livremente flutuante, composto por várias correntes e uma ampla gama de buscadores religiosos de todo tipo, não apenas desaparece

de vista, mas suscita falsas associações e apreciações. O comportamento religiosamente desviante costuma provocar reações negativas, que vão muito além do âmbito da religião como tal. Usar o arcabouço interpretativo do cristianismo para avaliar uma religião que, em quase todos os aspectos, negava o ensinamento e a organização da Igreja fracassa em assumir uma posição objetiva e, consequentemente, tende a julgar de modo equivocado a ruptura pagã como se ela se dirigisse a rumos inteiramente novos. A ausência de conceitos teóricos apropriados deve resultar inevitavelmente em uma estimativa simplificada, quando não diretamente errada, da disposição sincretística do Paganismo, com sua grande quantidade de elementos cristãos e paracristãos modificados. Os pagãos, como todas as novas religiões, tiveram de buscar material de construção onde quer que pudessem. Não era apenas uma figura retórica culpar os líderes da Igreja por traírem e distorcerem o real significado do cristianismo. Tal crítica lhes oferecia a oportunidade de remeter à sua natureza essencial e de tirar do repertório da tradição cristã e da doutrina aquilo que parecesse adequado. Negar o direito da hierarquia eclesiástica de determinar a compreensão correta e descartar como imprópria a compreensão do que os ensinamentos de Jesus e a Bíblia realmente significavam para o presente fazia parte da história da Igreja desde o início, e não uma invenção do Paganismo. A equiparação do Nacional-Socialismo a um paganismo anticristão é provavelmente a conclusão mais difundida e mais imprecisa extraída por pesquisadores que, por várias razões, superestimam a importância do Paganismo como um todo. Sua confusão entre aparência e realidade só é superada pela ideia de que o subsolo lamacento do Paganismo, simbolizado por figuras estranhas como Guido von List (1848–1919) e Lanz von Liebenfels (1874–1954) e suas fantasias religiosas ainda mais bizarras, teria sido o terreno do qual emergiu o reinado nazista.[42]

42 A afirmação ousada do falecido Nicolas Goodrick-Clarke (1953–2012), de que ideias ocultistas de tipo ariosófico teriam caracterizado o Nacional-Socialismo em geral e a Ahnenerbe da SS em particular, está definitivamente errada. A ariosofia de modo algum fornece “um estudo de caso modelar da religiosidade nazista”, como ele afirma. Ver seu prefácio à edição brochura de 2004 de *The Occult Roots of Nazism*, pp. vi–viii. O novo subtítulo do livro, *Secret Aryan Cults and their Influence on Nazi Ideology* (anteriormente: *The Ariosophists of Austria and Germany 1890–1935*), evidencia o interesse do autor em transformar sua dissertação, um excelente estudo de caso, em uma explicação geral.

A transformação da Ahnenerbe de uma sociedade privada sob a influência de Herman Wirth e sua “Geistesgeschichte” em um moderno centro de especialistas deve ser compreendida no contexto da *Gleichschaltung* nacional-socialista. Alinhar a sociedade alemã significava, na segunda metade da década de 1930, a eliminação de obstáculos políticos, econômicos e ideológicos que prejudicavam o potencial de ataque futuro da Alemanha. Disputas religiosas ameaçavam esse objetivo e ampliavam a fragmentação da nação na fase preliminar da guerra vindoura. O Plano de Quatro Anos (1936–40) pretendia assegurar a capacidade de defesa militar da Alemanha, entre a qual o fator ideológico tinha alta prioridade, dado o fato de que a derrota na Primeira Guerra Mundial era atribuída à falta de unidade da nação.43 Que Herman Wirth e Karl Maria Wiligut tenham sido forçados a deixar a Ahnenerbe em 1939 atesta esse princípio dominante, mostrando, além disso, que uma agenda religiosa *völkisch* não era apenas inaceitável para a maioria da população alemã, mas também para a SS.

Mantendo-se fora do teatro da guerra religiosa, as intenções da Ahnenerbe claramente seguiram na direção de um think tank convencional. Ela reuniu um grupo de especialistas e consultores acadêmicos para oferecer apoio ideológico à liderança política e aos tomadores de decisão. Na maioria dos casos ocupando posições acadêmicas, os pesquisadores da Ahnenerbe examinavam os princípios fundamentais do Estado *völkisch*, remetendo-os à raça nórdica. Uma combinação de pesquisa básica e projetos orientados à aplicação formava o centro do trabalho da Ahnenerbe. Se isso confinava a Ahnenerbe aos padrões acadêmicos da época é outra questão. Kater, em sua dissertação, afirmou a opinião de que ao menos partes dele se davam sobre uma base sólida. Mas seu julgamento dependia demais da narrativa dos membros da Ahnenerbe que ele entrevistou. As avaliações atuais, ao contrário, consistem em julgamentos consistentemente adversos, negando à Ahnenerbe qualquer caráter acadêmico.

Por mais falho que consideremos o nível científico de departamentos específicos da Ahnenerbe ou da Ahnenerbe como um todo, é seguro dizer

que a justificação ideológica e o respaldo prático da política nacional-socialista estavam em primeiro plano em seu interesse. De modo semelhante ao desenvolvimento geral nas universidades, a Ahnenerbe passou a atribuir maior peso a questões de preocupação prática na segunda metade da década de 1930, primeiro antecipando e depois acompanhando a capacidade bélica da Alemanha, o que se deu às custas da ideologia propriamente dita. O palavreador teve de dar lugar ao especialista perito. Controlar um império em crescimento constante de países ocupados implicava uma multidão de tarefas administrativas que exigiam soluções rápidas e práticas. Teorias prolixas sobre os antigos germanos ou seus antepassados indo-germânicos não eram apenas fúteis, mas até contraproducentes nesse aspecto. A necessidade de competências para a resolução de problemas prejudicou de modo reconhecível as fantasias elevadas e a conceituação religiosa de tipo nórdico-*völkisch*. Não se pode enfatizar com força suficiente que a Ahnenerbe da SS não seguia uma agenda religiosa em conexão com o movimento pagão, ou mesmo apenas próxima a ele. Todas as sugestões relativas a um pano de fundo pagão, esotérico ou ocultista mostraram-se infundadas e permaneceram meras especulações sem qualquer verificação científica.

Abordar, no entanto, um possível excedente religioso da busca da Ahnenerbe por enraizar o povo alemão em uma herança ancestral baseada na raça é algo muito mais justificadamente relacionado ao contexto de uma nova “Gottgläubigkeit”. Enquanto os esforços do Paganismo pareciam o empreendimento vão de pôr vinho novo em odres velhos, a crença em um ser superior desprovida de especificações religiosas particulares possuía uma qualidade nova e inovadora. Com sua confiança geral não organizada em Deus, a providência divina ou outras ideias vagas de algo para além do aqui e agora, o crente em Deus nacional-socialista antecipava uma compreensão posterior da religião, parafraseada pela sociologia da religião como “crer sem pertencer”. Ter fé em um deus indistinto suplanta a tutela de clérigos e dogmas e corresponde muito melhor às necessidades espirituais do homem moderno como pessoa individual e religiosamente autônoma.

Em resumo, pode-se dizer que a Ahnenerbe estava longe de ser uma organização religiosa ou uma instituição com missão esotérica. É muito mais aconselhável considerá-la um think tank ideológico com um projeto científico ou pseudocientífico, atuando em favor da política de poder nacional-socialista. Seus esforços para fundamentar ou, melhor, inventar uma tradição indo-germânica ou nórdica devem ser compreendidos em termos de um conhecimento reforçado em benefício do poder e do controle. Se sua tentativa deve ser avaliada como relativamente bem-sucedida ou relativamente ineficiente é uma questão que deve ser respondida em relação a projetos específicos da Ahnenerbe. Só então o alcance e a importância da superestrutura ideológica da Ahnenerbe poderão ser determinados mais de perto. Em vez de reunir religião e ideologia em um mesmo bloco, é necessária a diferenciação analítica entre uma visão de mundo nórdica, *völkisch* ou indo-germânica, tal como expressa pela Ahnenerbe, e uma religião nórdica, *völkisch* ou indo-germânica, tal como expressa pelo Paganismo, prometendo maior percepção e maior poder explicativo. Entre ambas, contudo, encontramos uma zona de contato interessante, que merece estudos posteriores.

Citações

“Somos caracterizados como anticristãos pelo partido que mais seriamente ameaça o cristianismo por meio de sua ligação com o ateísmo marxista: o Partido do Centro (…) Temos de reerguer o cristianismo, mas deve ser um cristianismo guerreiro. O cristianismo não é o ensinamento do sofrimento silencioso e do carregar fardos, mas sim do combate. Como cristãos, temos o dever de lutar contra a injustiça com todas as armas que Cristo nos deu; agora é o momento de lutar com punho e espada”. — Adolf Hitler[43]

“O cristianismo empreendeu uma cruzada religiosa contra o paganismo em todas as suas consequências e manifestações doentias [...] Portanto, trata-se de uma luta eminentemente política, e a cruz sob a qual conduzimos essa luta é a nossa suástica. E, portanto, assim como o senhor, Herr Beneficiary, está convencido de que o povo alemão nunca poderá experimentar a bênção a não ser por meio de Cristo, eu também estou convencido de que ele nunca poderá experimentar a saúde e a força a não ser por meio da suástica. E só posso desejar o dia em que o povo alemão permanecerá nesta terra forte, inabalável e unido, com a suástica à esquerda ou ao lado da espada como bandeira da luta da vida cotidiana, mas com a cruz do Senhor à direita como símbolo de fé e luta pela eternidade [...]” — Adolf Hitler[44]

“O inimigo sabe que os alemães levam a religião muito a sério. Por isso, espalha a alegação de que a Waffen-ᛋᛋ é uma tropa de assalto do neopaganismo. O inimigo afirma:

1. A ᛋᛋ quer abolir a Igreja. Ela obriga as pessoas a abandonarem a Igreja, demonstrando assim a sua negação de Deus.

43 “Der Nationalsozialismus und die Beamten,” VB 62 (8-9 Apr 1923). Op. Cit: Derek Hastings - Catholicism and the Roots of Nazism. Religious Identity and National Socialism, Oxford University Press, 2010; cap.4, pp.113.

44 Adolf Hitler, em uma carta ao padre Magnus Gött, pároco ou “beneficiário” da paróquia católica de Lehenbühl, Baviera, Alemanha, em 2 de março de 1927. https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1994_3.pdf

2. O conceito de “fé em Deus” (Gottgläubigkeit) é apenas uma expressão disfarçada para loucura de guerra, materialismo e ateísmo.

Essas acusações enganosas são melhor refutadas por estes fatos:

1. A destruição e eliminação de igrejas é realizada exclusivamente pelos anglo-americanos, cheios de frases cristãs. Nenhum membro da ᛋᛋ é forçado a deixar a Igreja.
2. A Waffen-ᛋᛋ não pensa em privar as pessoas de sua fé. Ela não tem o menor interesse em qualquer tipo de conflito eclesiástico. Como nacional-socialista, o homem ᛋᛋ acredita em uma ordem mundial divina”. — Heinrich Himmler, setembro de 1944[45]”

“Estamos lutando contra a igreja?

Esta reprovação sempre foi feita contra nós por inimigos internos junto com o primeiro; é disso que nossos inimigos externos nos acusam hoje da maneira mais rancorosa. O Führer enfatizou infinitamente que a Igreja e seus padres sempre desfrutam da proteção do estado, desde que sejam dedicados exclusivamente ao cuidado pastoral e não contrariem a vontade política do povo. Muitas vezes e com muita alegria, o confronto do indivíduo com uma doutrina antiga é equiparado a ataques "tolerados pelo Estado" contra a igreja. Basicamente, pode-se dizer que em todos os tempos e para todos os povos houve revoltas no campo religioso; ninguém vai querer negar o direito do nosso tempo de poder buscar uma crença em Deus, pois isso está em nossa natureza”. — Heinrich Himmler[46]

“É proibido apresentar, no âmbito de eventos públicos, espetáculos de natureza oculta, espírita, clarividente, telepática, astrológica e similares, bem como experiências hipnóticas. A atividade artística de prestidigitação não está incluída nesta proibição” — Joseph Goebbels[47]

45 Invenio Bundesarchiv NS 31/142. Disponível também em: https://s3.amazonaws.com/NARAprodstorage/lz/dc-metro/rg-242/12004530/T580/T580-0042/T580-0042.pdf#page=211
46 SS Handbook for the Ideological Education of the Troops
47 Bundesarchiv BArch NS 6/334, p. 245 (June 13, 1941)

“Mil anos de história cristã não podem ser simplesmente apagados da história do povo alemão. Rompi relações com Ludendorff porque sua esposa acreditava que o Nacional-Socialismo deveria fundar uma nova religião. Sempre disse aos meus líderes partidários que não queria me tornar um reformador religioso. Não pretendo fazer isso e não farei isso. Pela mesma razão, rompi relações com Arthur Dinter e Reventlow.” — Conversa de Adolf Hitler com o Cardeal Faulhaber, em Novembro de 1936[48]

“Não é meu objetivo reerguer altares pagãos nas florestas da Alemanha e introduzir a juventude em qualquer tipo de culto a Wotan, nem de qualquer outra forma entregar a jovem Alemanha às artes mágicas de qualquer apóstolo das ervas” — Baldur von Schirach[49]

“Não lutamos para construir templos pagãos, mas para unir o povo alemão para toda a “eternidade. Assim como não desejamos construir templos em oposição às igrejas cristãs, também não queremos um Valhalla como substituto do céu cristão. Mas há uma coisa que queremos: que esse céu cristão se estenda sobre uma terra alemã livre, e essa terra só será livre se um povo unido nela habitar — um povo que esteja sempre consciente de seu destino comum nesta terra; e é por isso que não queremos que esse povo se divida em confissões, mas que se una” — Bernhard Rust[50]

“Todas as questões, esperanças e desejos sobre se o povo alemão irá um dia encontrar uma nova forma para o seu conhecimento de Deus e a sua experiência de Deus não se enquadram aqui; estas são questões de significado secular, que também vão muito além do quadro de um programa tão fundamentalmente revolucionário como o proclamado pelo nacional-socialismo. O partido enquanto tal proíbe-se, em qualquer caso, de se anunciar como estando identificado com os cultos de Wotan, como

48 Akten Kardinal Michael von Faulhabers, Volume 2, 1935-1945, p. 192
49 H. W. Koch. The Hitler Youth: Origins and Development 1922-1945, pp.134.
50 Bundesarchiv BArch NS 15/559 1934, pp. 309

acontece por parte do clero politizado, embora reste saber se tais aspirações existem numa escala significativa. Por outro lado, a luta contra os fenômenos de decomposição que envenenam o nosso povo nos domínios da arte, da literatura, da ciência, do palco, do teatro e, sobretudo, de todo o sistema prefeitoral, será de grande importância e urgência prática" — Gottfried Feder[51]

"As pessoas mentiram sobre Hitler nesse aspecto. Ele era profundamente devoto e invocava frequentemente o nome de Deus. Suas crenças eram cristãs e, ainda na infância, fazia parte do coro da igreja paroquial [...] Ele (Hitler) não levava muito a sério o interesse de Himmler pelas antigas religiões germânicas, e sua política era muito favorável à Igreja Católica, mesmo quando surgiram opositores do regime vindos da própria Igreja. Certa vez, encontrei-o numa manhã quando estava a caminho para receber a comunhão, e quando lhe contei minha intenção, ele não se surpreendeu, dizendo-me que sua mãe, se estivesse viva, teria se juntado a mim" — Leon Degrelle[52]

51 Das Programm der NSDAP und seine weltanschaulichen Grundgedanken. F. Eher Nachf, 1934
52 León Degrelle in Exile, 1945-1994 by José Luís Jerez Riesco(2009)

Referências

Amm, Bettina. *Die Ludendorff-Bewegung. Vom nationalistischen Kampfbund zur völkischen Weltanschauungssekte*. Hamburg: Verlag ad Fontes, 2006.

—. “Die Ludendorff-Bewegung im Nationalsozialismus – Annäherung und Abgrenzungsversuche”. In Puschner und Vollnhals, eds., *Die völkisch-religiöse Bewegung im Nationalsozialismus*, pp. 127–48.

Bartsch, Heinz. *Die Wirklichkeitsmacht der Allgemeinen Deutschen Glaubensbewegung der Gegenwart*. Breslau: Ludwig, 1938, repr. Toppenstedt: Uwe Berg Verlag, 2007.

Baumann, Schaul. *Die Deutsche Glaubensbewegung und ihr Gründer Jakob Wilhelm Hauer (1881–1962)*. Marburg: Diagonal, 2005.

Bergen, Doris. *Twisted Cross. The German Christian Movement in the Third Reich*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.

Blaschke, Olaf. *Katholizismus und Antisemitismus im Deutschen Kaiserreich*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

Brebeck, Wulff E. et al., eds., *Endzeitkämpfer. Ideologie und Terror der SS. Begleitbuch zur Dauerausstellung in Wewelsburg*. Berlin: Deutscher Kunstverlag, 2012.

Buchheim, Hans. *Glaubenskrise im Dritten Reich. Drei Kapitel nationalsozialistischer Religionspolitik*. Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1953.

Dierker, Wolfgang. *Himmlers Glaubenskrieger. Der Sicherheitsdienst der SS und seine Religionspolitik 1933–1941*. Paderborn: Schöningh, 2nd ed. 2003.

Dierks, Margarete. *Jakob Wilhelm Hauer, 1881–1962. Leben, Werk, Wirkung*. Heidelberg: Winter, 1986.

Duppel, Hermann. *Mein Leben im Dritten Reich. Zwischen Kirchengemeinde und Waffen-SS* (unpublished typescript, n.d.).

Gailus, Manfred and Armin Nolzen, eds. *Zerstrittene 'Volksgemeinschaft'. Glaube, Konfession und Religion im Nationalsozialismus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.

Hüser, Karl. *Wewelsburg 1933–1945. Kult- und Terrorstätte der SS. Eine Dokumentation*. Paderborn: Verlag Bonifatius Druckerei, 2nd ed. 1987.

Kretschmar, Georg et. al., eds. *Dokumente zur Kirchenpolitik des Dritten Reiches*. 5 vols. München: Kaiser and Gütersloh: Gütersloher Verlags-Haus, 1971–2008.

Gailus, Manfred. *Protestantismus und Nationalsozialismus. Studien zur nationalsozialistischen Durchdringung des Sozialmilieus in Berlin*. Köln: Böhlau, 2001.

Goodrick-Clark, Nicholas. *The Occult Roots of Nazism*. Wellingborough: Aquarian, 1985, paperback ed. London: Tauris, 2004–12.

—. *Black Sun. Aryan Cults, Esoteric Nazism and the Politics of Identity*. New York: New York University Press, 2002.

Junginger, Horst. *Von der philologischen zur völkischen Religionswissenschaft*. Stuttgart: Steiner, 1999.

—. "Paganismus und Indogermanentum als Identifikationselement der Neuen Rechten". In Puschner and Großmann, eds. *Völkisch und national*, pp. 280–90.

—. ed. *The Study of Religion under the Impact of Fascism*. Leiden: Brill, 2008.

—. "From Buddha to Adolf Hitler. Walther Wüst and the Aryan Tradition". Ibidem, pp. 107–77.

—. "Religionswissenschaft". In Jürgen Elvert and Jürgen Nielsen-Sikora, eds. *Kulturwissenschaften und Nationalsozialismus*. Stuttgart: Steiner, 2008, pp. 52–86.

—. “Hauer, Jakob Wilhelm (1881–1962)”, “Huth, Otto (1906–1998)”, “Wüst, Walther (1901–1993)”. In Ingo Haar and Michael Fahlbusch, eds. *Handbuch der völkischen Wissenschaften*. München: Saur, pp. 230–34, pp. 246–49, pp. 776–83.

—. “Antisemitismus in Theorie und Praxis”. In Urban Wiesing et al., eds. *Die Universität Tübingen im Nationalsozialismus*. Stuttgart: Steiner, 2010, pp. 483–558.

—. “Die deutsche Glaubensbewegung als ideologisches Zentrum der völkisch-religiösen Bewegung”. In Puschner and Vollnhals, eds. *Die völkisch-religiöse Bewegung im Nationalsozialismus*, pp. 65–102.

—. “Die Deutsche Glaubensbewegung und der Mythos einer ‘dritten Konfession’”. In Gailus and Nolzen, eds. *Zerstrittene ‘Volksgemeinschaft’*, pp. 180–203.

—. *Die Verwissenschaftlichung der ‘Judenfrage’ im Nationalsozialismus*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2011.

Hale, Christopher. *Himmler’s Crusade. The True Story of the 1938 Nazi Expedition into Tibet*. London: Bantam Books, 2003.

Kaufmann, Wolfgang. *Das Dritte Reich und Tibet. Die Heimat des ‘östlichen Hakenkreuzes’ im Blickfeld der Nationalsozialisten*. Ludwigsfelde: Ludwigsfelder Verlagshaus, 2nd ed. 2010.

Kater, Michael H. *Das ‘Ahnenerbe’ der SS 1935–1945. Ein Beitrag zur Kulturpolitik des Dritten Reiches*. 4th ed., München: Oldenbourg (1st ed. 1974).

Kubota, Hiroshi. *Religionswissenschaftliche Religiosität und Religionsgründung. Jakob Wilhelm Hauer im Kontext des freien Protestantismus*. Frankfurt a.M.: Lang 2005.

Longerich, Peter. *Heinrich Himmler. Eine Biographie*. München: Siedler Verlag, 2008.

Mierau, Peter. *Nationalsozialistische Expeditionspolitik. Deutsche Asienexpeditionen 1933–1945*. München: Utz, 2006.

Nanko, Ulrich. *Die Deutsche Glaubensbewegung. Eine historische und soziologische Untersuchung*. Marburg: Diagonal, 1993.

Poewe, Karla. *New Religions and the Nazis*. New York: Routledge, 2006.

Pringle, Heather. *The Master Plan. Himmler's Scholars and the Holocaust*. New York: Hyperion, 2006.

Puschner, Uwe and Ulrich Großmann, eds. *Völkisch und national. Zur Aktualität alter Denkmuster im 21. Jahrhundert*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2009.

Puschner, Uwe and Clemens Vollnhals, eds. *Die völkisch-religiöse Bewegung im Nationalsozialismus. Eine Beziehungs- und Konfliktgeschichte*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012.

Schmitz-Berning, Cornelia. *Vokabular des Nationalsozialismus*. Berlin: de Gruyter, 2000.

Schnoor, Frank, *Mathilde Ludendorff und das Christentum. Eine radikale völkische Position in der Weimarer Republik und des NS Staates*. Egelsbach: Hänsel-Hohenhausen, 2001.

Schönhuber, Franz. *Ich war dabei*. München: Albert Langen, 1981.

Schulte, Jan Erik, ed. *Die SS, Himmler und die Wewelsburg*. Paderborn: Schöningh, 2009.

Siepe, Daniela. "Die Rolle der Wewelsburg in der phantastischen Literatur, in Esoterik und Rechtsextremismus nach 1945". In ibidem, pp. 488–512.

Spicer, Kevin. *Hitler's Priests. Catholic Clergy and National Socialism*. DeKalb: Northern Illinois University Press, 2008.